

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju

<http://biblio.etnolinguistica.org>

Nimuendajú, Curt & R. F. Mansur Guérios. 1948. Cartas etnolingüísticas. *Revista do Museu Paulista*, n.s., n. 2, p. 207-241.

Permalink: <http://biblio.etnolinguistica.org/nimuendaju-guerios-1948>

O material contido neste arquivo foi disponibilizado online com o objetivo de tornar acessível uma obra de difícil acesso e de edição esgotada, não podendo ser modificado ou usado para fins comerciais. Seu único propósito é o uso individual para fins de pesquisa e aprendizado.

Possíveis dúvidas ou objeções quanto ao uso e distribuição deste material podem ser dirigidas aos responsáveis pela Biblioteca Curt Nimuendaju, no seguinte endereço:

<http://biblio.etnolinguistica.org/contato>

CARTAS ETNO-LINGÜÍSTICAS

por
CURT NIMUENDAJÚ e R. F. MANSUR GUÉRIOS

À guisa de Introdução: CURT NIMUENDAJU' LINGÜISTA

Foi o prof. dr. Herbert Baldus que me aproximou do grande etnólogo e etnógrafo Curt Nimuendajú, cujo falecimento é ainda sentido profundamente pelos americanistas nacionais e estrangeiros.

Pequeno foi o espaço de tempo em que mantivemos correspondência, a qual poderia ser mais freqüente, se não fôsse principalmente a tarefa de minhas muitas aulas.

A nossa correspondência, compreendida em seis cartas minhas e seis de Nimuendajú, baseada em consultas que lhe fiz, versou a respeito de Etnografia e Glotologia brasílicas (classificação de idiomas, etc.), e, forçado pelo desenvolvimento das nossas idéias, foram abicadas algumas questões de Lingüística Geral e problemas de sua metodologia.

Através das missivas de Curt Nimuendajú descobrir-se-ão várias qualidades suas, a par de ciência e espírito científico — franqueza, sinceridade, probidade, modéstia, presteza em servir e servir bem, sem reservar só para si preciosos e vastíssimos conhecimentos.

A faceta que eu queria esboçar aqui, é a do lingüista em sentido genérico, e não sei se o farei a contento.

A Curt Nimuendajú, que se tornou famoso no cultivo da Etnologia e Etnografia, muito deve a Ciência da Linguagem. Se é verdade que lhe impedia obrigação, como etnógrafo completo, de recolher materiais lingüísticos, não é menos verdade o acurado propósito, que sempre alcançou, de servir à Ciência com a máxima perfeição possível, e que se caracterizava na exatidão das transcrições científicas, seleção do material ("Leitwörter"), método, clareza e segurança. Porém, não se contentava disso, o que, todavia, já seria muito, mas entregava-se também às indagações comparatistas, aproximando ou relacionando línguas e grupos, retificando-lhes ou ratificando-lhes o parentesco. Sirva de exemplo o estudo "Die Verwandtschaft des Mundurukúischen mit dem Tupíischen" in "Lose Blätter vom Cururú", ano XV, n.º 2, Bahia, 1937, de cuja conexão tenho a honra de discordar, como o faz nosso amigo comum, o prof. Herbert Baldus.

O ensejo da nossa correspondência mostra-nos ainda, senão o lingüista "stricto sensu", pelo menos o cientista dotado do necessário espírito crítico perante os argumentos de caráter universalista, a que obriga a Lingüística Geral.

Se êle não era, de modo absoluto, contrário à tese de que na Glotologia indo-européia o fonema *p* evoluiu para *f* (**pater* > al. *vater* (= *fater*), etc.), por que não admitiria fenômeno comparável na Glotologia ameríndia? No kaingang, ao lado de *péno*, "trocar, vender", existe *féno*, "trocar, vender", etc., o que se explica por *p* > *f*. Essa coexistência denuncia que o fenômeno é recente. Embora possa não ser esta a mesma explicação, há, p. ex., no latim *paemi-n-osus* (ou *pemi-n-osus*), "fedorento", ao lado de *finu-s*, "estêrco", evoluído de *pimu-s*.

Essa evolução, que nada tem de anormal, encontra abono em outros grupos: Proto-semítico **pataha* > árabe *fataha*, "abrir"; proto-sudanes **pulbe* > língua fula *fulbe*, "os (homens) fulas"; proto-ugro-fínico **pele* > húngaro *fül*, "orelha"; etc.

Parece que maior escrupulo tem Nimuendajú com referência aos fenômenos semânticos. Não admite possa haver equação semântica entre "sol" e "estrêla", "pau" e "fumaça", "bôca" e "nariz", etc. (segundo Rivet).

Para explicar certos cotejos, é mister considerar a evolução de sentidos primitivos. A idéia do lat. *luna*, "lua", proveio de outra, isto é, de "luz", "brilho" (idéia genérica), e compare-se, então, *lux* (*luk-s*) com **louk-s-na* do proto-itálico > lat. *luna* (prenestino *losna*).

O grego *hélios*, "sol", proveniente de **sawelics* ou de **selios*, é corradical de **sela-s-na* > *seléne*, "lua". Não resta dúvida que se trata em ambos os casos de uma evolução do conceito "brilho", "esplendor", cp. *sélas*.

Se o grego *ástér* quer dizer "astro", "estrêla", o seu cognato *ástron*, além de "estrêla", significa também "céu", e tem por afim o sânscrito *taras*, "constelação". Para confronto do -s- helênico, cp. o lat. *stella* < *sterula* diminutivo < **s-ter*.

Todos sabemos que o tupi *iacy-tatá* quer dizer "estrêla", isto é, literalmente, "(da) lua fogo". Ora, o apiaká de Mato Grosso, ao lado de *iahitátá*, "estrêlas", possui *iahitá*, "estrêla" ("Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", II, 2.^a ed., 1865). Erraria o glotólogo em estabelecer a equação *iacy*, "lua", com *iahi-tá*, "estrêla"? Assim, não se deve estranhar "sol" > "estrêla". E não se afirma que o Sol é uma estrêla?

Quanto ao segundo par semântico — "pau" = "fumaça", é encontradica, não só nas línguas americanas, mas em quaisquer grupos a equivalência "lenha" ou "árvore" = "fogo", ou "lenha para fogo" > "fogo". E desta última noção decorre logicamente a de "fumaça".

O kaingang *pin* quer dizer lenha e "fogo". Formam equações com êle o ingain (guaianã) *pein*, *pen*, "fogo"; kraô (Rio Preto) *pin*, "árvore"; karaú do Tocantins, apinagé e aponegikrã *pi*, "árvore"; kaiapó do Alto Paraná *pe*, "árvore".

O tokana *peka-mê*, "fogo", é o tokana *peká*, "lenha", que parece representar o segundo elemento do botokudo *txon-pek*, "fogo". O primeiro elemento é o mesmo botokudo *txon*, "árvore", derivado de **kon*, corradical do kaxinauí *ku(n)í(n)*, "fumaça", proveniente de **kuni*, por sua vez comparável ao merrime *i-kune*, "fumaça" e o segundo elemento do kaiapó *kuö-kum*, "fumaça". É seu afim o makoni *kõe* (n) < **kone*, "fogo". O krixaná *i-kuinã*, seu cognato, quer dizer "quente".

De passo lembrarei que, em tupi, a "fumaça" é traduzida por "fogo branco" — *tatatinga*, e concluo com a esquisita evolução do port. *fumo*, "fumaça" > *fumo*, "tabaco" (no Brasil).

"Bôca" e "nariz" formam as seguintes equações semânticas: mehinakú *nu-kiri*, "nariz" = mehinakú *nu-kir-abe*, "bôca" = kustenaú *nu-kir-api*, "lábio" = yaulapiti *ni-kir-azi*, "bôca" = yaulapiti *nu-kir-ze*, *nu-kir-ji*, "nariz" = waurá *nu-kid-zi* "nariz" = parecí *nu-keli-ho*, "bôca" = bororo *i-keru*, "língua" = talvez quíchua *kiru*, "dente".

O galibi *emba-tari*, "bôca" é o galibi *ene-tali*, "nariz" = kumanagoto *m-tar*, "bôca". O chapaneque *indo*, "bôca" forma equação com o paez *inz*, "nariz".

No indo-europeu comum, diz Trombetti, os nomes da "bôca" e da "orelha" são, em última análise, idênticos ("bôca" = "orifício" = "orelha"). Assim, **au-s* é base de *auris*, "orelha", mas também é base de **oss* > *os*, *oris*, "bôca" (cp. lat. *ausculum* e *osculum*, *austium* e *ostium*).

Grande desacôrdo semântico há entre "mar" ou "oceano" e "ilha", e no entanto o grego nos oferece *archipélagos*, "agrupamento de ilhas", mas cujos elementos dizem *archi*-, "superior" e *pélagos*, "mar".

O máximo do absurdo se acha na enantiossemia, isto é, no fenômeno do sentido diametralmente oposto ao primitivo. Sirva de exemplo o lat. *apicare*, "expor ao ar livre, aquecer ao sol", baseado em *aperire*, "abrir", mas no port. *abrigar* é "dar proteção, proteger, agasalhar".

Os fenômenos lingüísticos, como se viu, não são, pois, peculiares a um idioma, mas realizam-se, de modo idêntico ou quase, em outros, afins ou não.

Não será porém a pouca familiaridade com fenômenos gerais da Lingüística — explicável pela sua vida vivida em contacto perene com os silvícolas, — que há de empanar o valor da enorme contribuição de Nimuendajú para o Americanismo, em especial para a Glotologia brasileira, e que só saberemos estimar suficientemente, quando tivermos publicados todos os materiais lingüísticos (vocabulários, gramáticas, textos, etc.) ainda inéditos, ou republicar aquilo que se acha espalhado por todo o mundo culto em obras raríssimas ou só acessíveis nas grandes bibliotecas.

Curt Nimuendajú, como lingüista que é, pertence hoje à história da Glotologia sul-americana, como balisa de diretrizes científicas, e glotólogo algum empreenderá estudos dos nossos idiomas indígenas sem citar seu nome acatado e de segura autoridade, glória do Museu Goeldi, do Pará, e honra do Brasil, que o tornou brasileiro de coração e mente.

O sr. Arion Dall'Igna Rodrigues, do curso de Letras Clássicas na Faculdade de Filosofia do Paraná, e cultor da Glotologia índia, teve a bondosa gentileza de me entregar para publicação, como apêndice a esta dúzia de cartas, duas outras — uma, que endereçou ao mesmo Nimuendajú, solicitando-lhe informes, e outra, sua resposta, que vale não só pelo conteúdo, em que tem ensejo de esclarecer assunto nem sequer suscitado, o referente à autoria de um mapa etnográfico, incluso em trabalho de Hermann von Ihering, mas ainda, e sobretudo, pelo fato dessa carta datada de 7 de dezembro de 1945 (S. Paulo de Olivença) ser uma das últimas que escreveu o notabilíssimo cientista, senão talvez a última, porquanto data a sua morte de 10 do mesmo mês e ano.

Antes de encerrar, duas palavras respeitantes à nomenclatura etnológica. Embora fôsse decisão de convenção internacional dos etnólogos o emprêgo de nomes de tribos, etc., sob a única forma do singular, mesmo com o artigo no plural (*os Tupí*, etc., e não *os Tupís*, etc.), nos meus trabalhos não segui tal praxe, senão agora. A forma *os Tupí* deve ser entendida "os índios de nação ou tribo, ou língua tupí", fenômeno gramatical perfeitamente explicável.

Quanto ao uso de *k* (ou *y* ou *w*) em etnônimos ou etnonímicos (*kain-gang*, *krenak*, etc.), corre-me a obrigação de declarar que somente o fiz por solicitação, porquanto distingo perfeitamente as formas aportuguesadas *cain-gangue*, *crenaque*, etc., dos nomes *kaingang*, *krenak*, etc., da representação oral-gráfica dessas línguas.

Os franceses chamam à sua língua *français*, os ingleses ao seu idioma *english*, e seria falta de lesa-vernaculidade usarmos tais formas como se fôsem denominações portuguesas.

A esta observação fui levado em vista de eu não ser somente cultor de línguas indígenas americanas, mas também cultor da língua portuguesa.

Respeitei a ortografia e a linguagem de Curt Nimuendajú. Apenas nos vocábulos indígenas adaptei as representações gráficas de sinais especializados com outras, providas facilmente pelas tipografias.

A 3 de abril de 1947 em Curitiba

R. F. Mansur Guérios — Assistente de Linguística no Museu Paraense e catedrático na Universidade do Paraná.

Curitiba, 4 de maio de 1943

Ilmo. Sr. Curt Nimuendajú
Museu Paraense Emílio Goeldi,
Belém do Pará.

Tenho imenso prazer em transmitir-lhe esta carta. Já o conhecia de nome, através de artigos vários sobre os nossos indígenas.

A publicação de um trabalho meu no último número dos "Arquivos do Museu Paraense", intitulado — "Estudos sobre a Língua Caingangue" — deu-me ensejo para que eu me aproximasse, em correspondência, do ilustrado cultor da Etnologia brasileira o sr. dr. Herbert Baldus.

Num dos cartões que me dirigiu, foi muito gentil para comigo, dizendo o seguinte, que, peço vênia, para repetir: "Agradeço-lhe muito a remessa dos seus trabalhos... Eles aumentaram ainda mais o respeito com que vejo a sua capacidade intelectual. Eu gostaria muito se o amigo pudesse continuar os estudos tupinológicos. O que nos falta, é uma minuciosa comparação de todos os dialetos tupí conhecidos até hoje. Curt Nimuendajú, o melhor conhecedor dessas línguas, não tem tempo nem vontade para isso. Eu também tenho outras coisas que ainda mais me prendem. Mas a tarefa é importantíssima. Poderia fornecer-lhe dados se o amigo quisesse empreendê-la".

Os dados que esse estimado e prestimoso colega me forneceu, foram: Anchieta, Montoya, Figueira, o "Dicionário Brasileiro" e o "Vocabulário de Fr. Arronches" (Plínio Ayrosa), Stradelli e Loukotka ("Línguas Indígenas do Brasil").

Todos eles eu os possuo. Para um trabalho dessa natureza, mesmo de proporções modestas, necessitaria do maior número possível de material linguístico. Eu me sentiria sumamente orgulhoso em poder tê-lo como companheiro nessa tarefa, se o sr. me favorecesse com vocabulários ou gramáticas. É verdade que tenho quase tôdas as horas ocupadas, mas, pouco a pouco, vou tomando o terreno.

As bibliotecas desta Capital são paupérrimas da especialidade. Esquecia-me de dizer-lhe que possuo a obra de Martius, porém não conheço a de Lucien Adam, a qual, penso, é indispensável — "Matériaux pour l'Établissement de la Grammaire Comparée des Langues Tupi". Não resta dúvida que a mesma se acha esgotada.

Disponha o sr. de mim, como lhe aprouver. Aqui fico aguardando qualquer resposta sua. E agradecidamente.

Rosário Farani Mansur Guérios

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná
Rua 15 de Novembro, n.º 1.004
Curitiba, Paraná.

Belém do Pará, 10 de Julho de 1943.

Illmo. Snr.

Rosário Farani Mansur Guérios

Muito lhe agradeço a amavel remessa dos seus 4 trabalhos:

“Estudos sobre a Língua Caingangue”.

“Novos Rumos de Tupinologia”.

“Sobre a origem da Flexão”.

“Tabús Linguísticos”.

Os assumptos me interessam muito: Com a lingua Kaingang tive de occupar-me bastante em 1910 e 1911, por ocasião da pacificação dos Kaingang de São Paulo, e possuo algum material de valor grammatical que até hoje nunca aproveitei. — O estudo comparativo das linguas Tupi é trabalho que ha muito se impõe e para o qual já Steinen em 1886 reclamou o interesse de algum brasileiro versado na Língua Geral. De facto, eu tomei de tribus desta familia linguistica 23 vocabularios e outros apontamentos, sendo 15 publicados (Apapokúva^a [textos], Turiwára^a, Amanayé^a, Tembê^a, Kawahiwa-Parintintin, Kawahiwa-Paranawát, Kawahiwa-Wirafét^a, Maué, Kuruáya, Mundurukú, Itogapuk^a [com notas sobre o parentesco com o Tupi], Arikém, Takunyâpé, Yurúna, Xipáya [com grammatica]), e 8 inéditos (Gua-jajára, Kawahiwa-Wirafét^b, Itogapúk^b Tembê^b [com material para grammatica], Kokáma [com grammatica] Turiwára^b, Apapokúva^b, Amanayé^b, algumas palavras do Iyaparé e da lingua de uma tribu desconhecida do Tocantins [Kupe (n)rob ?] como tambem um trabalho sobre o parentesco do subgrupo Yurúna.

Infelizmente é-me por hora absolutamente impossivel occupar-me do assumpto, pois dentro de poucos dias terei de seguir para o Rio e Mato Grosso, a chamado do General Rondon, e tendo de concluir antes a toda pressa uns serviços para o Museu Paraense, etc., nem sequer terei mais o tempo para dar aos seus trabalhos a merecida attenção, ficando todos os outros assumptos adiados para mais tarde.

Entretanto espero permanecer em correspondencia com o Snr. e assim que eu tiver uma vaga estudarei os seus trabalhos com todo o interesse.

Sou com toda a estima e consideração

Curt Nimuendajú

Curitiba, 26 de outubro de 1944

Prezado senhor:

Em maio do ano passado, a instâncias do meu amigo, o illustre prof. dr. Herbert Baldus, tive o prazer de lhe dirigir uma carta, a qual mereceu resposta do sr., porém com a promessa de, após a sua ida ao Rio, atender ao que eu solicitava.

Agora, novamente me acho à sua presença para o mesmo fim. Eu precisaria, para os meus estudos linguísticos americanos (*Sprachvergleichung*), o

maior número possível de vocabulários e gramáticas de qualquer língua indígena. Ninguém melhor que o sr. me poderia atender. Satisfarei imediatamente qualquer despesa que daí lhe advenha.

Tive o grato prazer de lhe brindar com os meus “Estudos sobre a Língua Caingangue”. Espero publicar “Novos Estudos sobre a Língua Caingangue”. Na missiva que o sr. me escreveu, disse-me ter tratado com êsses indígenas. Eu gostaria imenso de obter o seu vocabulário. O prof. H. Baldus, há pouco, quando estive em S. Paulo, me deu de presente um precioso vocabulário, una cópia datilografada dos originais de dicionario kaingang do vale do Ivaí, de autoria do pe. Humberto Ostlender, S. V. D.

Em fins de fevereiro estive em contacto com os Botocudo do Rio Doce, em Crenaque, Minas, quase fronteiro do Espírito-Santo. Eu fui feliz e muito, porque colhi copioso material constante de frases e vocabulários. Infelizmente todos êles não conhecem lenda alguma dos seus antepassados, em sua própria língua.

Nessa ocasião, tive oportunidade de travar conhecimento, nesse mesmo local (Pôsto indígena Guido Marlière), com um Kamakã da Bahia, de quem apanhei um pequenino vocabulário. Ambos êsses estudos serão publicados brevemente nos “Arquivos do Museu Paranaense”.

O sr. Francisco Schaden, do Museu Catarinense, publicou no n.º 2 do “Boletim Bibliográfico da Biblioteca Municipal de S. Paulo” (ano I, jan., fev. e março 1944) um trabalho — “Apontamentos Bibliográficos para o Estudo dos Indios Kaingang” — mas recusou incluir os trabalhos referentes aos Xocrén ou Aweikoma, de Santa Catarina, porque o fará à parte. Ele disse que “ainda não se chegou a um acôrdo entre os cientistas que os estudaram”, se são ou não Kaingang. Estou elaborando um estudo para provar que o idioma dos Xokrén é o mesmo que o dos do Paraná, Rio Grande do Sul e S. Paulo. Mas o material linguístico dos Xokrén, que eu possuo, é principalmente o que se acha nos “Anais do XX Congresso Internacional de Americanistas”, Rio, 1922, editados em 1932, de autoria do dr. José Maria de Paula. Dos Estados Unidos estou à espera do trabalho linguístico do prof. Jules Henry. O sr. possui algo do xokrén?

O prof. H. Baldus e outros de S. Paulo, eu e outros do Paraná, combinamos fazer uma excursão pelo Piquiri e Ivaí atrás dos nativos aí remanescentes. Isto se dará em junho e julho de 1945, se Deus quiser.

Peço-lhe o obséquo de me informar, se possível: 1.º Existem ainda os Eoxavante (Xavante mansos) do Paranapanema? Quais outros vocabulários deles existentes, além do de Telémaco Borba e do de Ewerton Quadros?

2.º Existem ainda na Argentina, ou em outro lugar, os Guaianá e os Ingáin? Quais outros vocabulários existem dos mesmos, além do que foi publicado na “Revista do Museu Paulista”?

Muitíssimo obrigado desde já lhe fica o admirador, que ora se despede

Mansur Guérios

Belém do Pará, 3 de novembro de 1944

Ilmo. Snr. Prof. Rosário Farani Mansur Guérios

Prezado Snr. Professor.

Tenho de lhe pedir desculpas por não ter respondido satisfatoriamente a sua carta do anno passado, respondendo porém com esta promptamente a sua ultima de 26 de Outubro do anno corrente que me chegou às mãos hontem:

1) **Material linguistico dos Kaingang.** — Em 1909 tomei um pequeno vocabulario de 276 numeros dos Kaingang de São Paulo (Yakuãedagtéye) com uma india aprisionada numa "dada". Sendo o segundo vocabulario que tomei na minha vida, elle se ressentia da falta de practica no assumpto.

Em 1911, por occasião da pacificação destes mesmos Kaingang de São Paulo, tomei apontamentos grammaticaes com o interprete Alfredo Vegmõ do Toldo do Faxinal (aguas do Ivahy). São umas 10 paginas dactylographadas, mas nunca puz este material em ordem nem cogitei em publica-lo por acha-lo egualmente deficiente, sendo elle apenas destinado ao fim de me pôr em condições de poder controllar os interpretes. Isto no interesse da pacificação. Esses apontamentos são feitos no dialecto do Ivahy. Em 1912 vizitei os Kaingang desta região nos seus toldos e fiz apontamentos muito interessantes, especialmente sobre a organização social delles. Ficaram porém de tal maneira incompletos que não me atrevi a publica-los, esperando sempre poder ainda completa-los. Entretanto, no anno seguinte fui transferido para o Pará, e nunca mais pude voltar ao Sul.

2) **Botocudos de Minas.** — Em 1939 eu procurei o que ainda restava e achei o seguinte:

Tambacury:	Poyitxá	4
	Aranã	1
	Potén(g)	2
Crenac:	Txonvúgn (tribu de Krenak)	3
	Naktún(g)	2
	Nakpie (Ngut-krak)	1
	Nakrehé (do Manhuassú)	35
Pancas:	Minyã-yirúgn	2
		50

No campo da sociologia e religião o resultado foi melhor que eu esperava. Tomei o seguinte material linguistico: Potén(g) 349 numeros, tabella dos termos de parentesco. — Nakrehé 302 numeros, entre estes muitas frases. — Nakpie 37 numeros. — Minyã-yirúgn 37 numeros.

3) **Kamakã.** — Em 1938 fui vêr o que ainda restava dos Kamakã' no seu territorio primitivo, entre os rios Contas e Pardo: Achei uma unica velha de sangue puro, conhecedora da lingua e, parcialmente, das tradições; havia mais uma duzia de mestiços que em nada se diferenciavam dos demais neobrazileiros

da região. Mandei fazer uma cазinha para a velha, vesti e sustentei-a e trabalhei com ella tres semanas, com enorme difficuldade, pois estava quasi completamente surda. Comtudo aproveitei muita coisa em materia de tradições. Material linguistico: 225 numeios; poucos elementos grammaticaes.

4) **Botocudos de Santa Catarina.** — Prefiro provisoriamente este nome. E. Hoerhan — Posto Duque de Caxias que conhece a lingua delles. Xokre(n)', de certo, elles não se chamam, porque não ha nenhuma tribu que usa este nome como autodenominação. Em 1908 eu propuz a H. von Ihering o nome de Aweikõma (= "indio" no vocabulario do Dr. Gensch) que elle usou no Congresso de Americanistas de Buenos Aires, e que desde então apparece na litteratura, mas elle tampouco é a autodenominação da tribu. Xokre(n)', tanto como sei, não se refere sómente aos Botocudos como tambem a outras hordas dos Kaingang proprios que se conservam hostis e arredios, ou que pelo menos até ha pouco assim se conservaram. Assim os nossos interpretes do Ivahy em 1911-1912 qualificavam de Xokre(n)' os Kaingang do Salto da Ariranha e da Serra da Pitanga e os então hostis de São Paulo e do Laranjinha. Eu creio que Schaden teve razão quando separou os Kaingang dos Botocudos. Sem duvida, a lingua destes é um mero dialecto do Kaingang — vi, porém este dialecto é mais diferenciado que qualquer outro, e a cultura das duas tribus apresenta divergencias tão notaveis que só pode causar confusão chamar a ambas pelo mesmo nome; isto o Snr. mesmo notará quando um dia lêr o artigo que Métraux escreveu para o Handbook of South American Indians, onde Kaingang e Botocudos são tratados como sendo uma e a mesma tribu.

O primeiro material linguistico dos Botocudos publicou Dr. Gensch na Zeitschr. f. Ethn. XL. Berlin. 1908. Henry mandou-me o seu "A Kaingang Text" — International Journal of American Linguistics, VIII. 1935, que me parece ser um bom trabalho (o que não se pode dizer dos trabalhos ethnologicos delle). Elle sem duvida dispõe de grande talento linguistico. — Eu mesmo nunca vi um unico Botocudo sequer.

Faço votos que a projectada viagem de estudos do Snr., do Dr. Baldus e outros em Junho e Julho de 1945 se realize! Mas um ou dois mezes não serão sufficientes para exgottar o assumpto.

5) **Eo-Chavante.** — Eu chamo esta tribu Xavãnte-Otí para distingui-la dos Xavãnte-Op(h)ayé (de lingua isolada) da margem direita do Paraná e dos Xavãnte-Akwe(n)' (de lingua Gê) do Rio das Mortes. A autodenominação é Otí. Em 1909 mandou-me H. von Ihering verificar o que por ventura ainda existia delles. Encontrei um homem e duas mulheres, aprisionados ha longos annos e quasi totalmente esquecidos da sua lingua, vivendo entre a população neobrazileira da região de Platina. Delles consegui à custo aquellá lista de 36 palavras que von Ihering publicou nas Actas do Congresso de Americanistas de Buenos Aires. É naturalmente dos tres vocabularios existentes o menos valioso, dadas as condições precarias em que foi tomado. Verifiquei tambem que andavam ainda duas mulheres Otí refugiadas e escondidas nos ultimos recantos dos Campos Novos, sem o menor contacto com os neobrazileiros. Esforcei-me para alcança-las, mas só encontrei os ranchinhos dellas no chamado Campo da Confusão. Da bocca dos moradores da região compilei a triste

historia do extermínio desta tribo pelos fazendeiros dos Campos Novos que publiquei um anno depois na "Deutsche Zeitung" de São Paulo (Das Ende des Otí-Stammes). Uma traducção portugueza bastante alterada e má deste artigo encontra-se em A Cruz Indígena. — Porto Alegre. 1926, de Alipio Bandeira. No Mapa Ethnographico anexo ao seu trabalho A questão de índios no Brazil de von Ihering acham-se os limites do antigo territorio dos Otí e os logares onde encontrei os ultimos remanescentes. — Este mapa, aliás, não foi "organizado por H. v. Ihering", como reza o titulo, mas exclusivamente por mim.

Pelos annos de 1910 ou 1911 contou-me Artur Diederichsen da Companhia de Viação São Paulo-Mato Grosso que aquellas duas indias Otí em companhia de um menino tinham-se apresentado na Fazenda Indiana (num affluente da margem direita do Laranja Doce). Em 1943 mostrou-me o Snr. Harald Schultz do Serviço Ethnographico do Conselho Nacional de Protecção aos Índios o retrato de uma velha "india Chavante" que elle encontrou no Posto de Icatú dos Kaingang, em São Paulo. Infelizmente elle não reconheceu a importancia deste achado, nem se pode verificar no photo o distinctivo da tribo: Um furo comprido paralelo á beira exterior da orelha. Pedi muito que se interessasse pelo assumpto, caso voltasse a Icatú, mas creio que até hoje elle não teve mais occasião. — Eis o que sei dos Otí. É extremamente lamentavel que esta tribo tivesse desaparecido sem se angariar material linguistico melhor, porque a lingua parece completamente isolada.

6) Guayanã e Ingain. — Guayanã é um termo tão vago como por ex. "Guarayú". Elle se encontra como designação de tribo desde do Rio Grande do Sul até á margem direita do baixo Orinoco. De Rio de Janeiro para o Sul elle parece ter tido o sentido de "estranho, diferente, inimigo". Os Apapókúva-Guaraní chamam assim outras hordas Guaraní que elles não gostam (p. ex. os Oguaíva). Vulgarmente chamava-se assim no Paraná os Kaingang hostis do Laranjinha. A maior parte dos Guayanã dos seculos 17 a 19 parece ter sido Kaingang ou parentes destes; mas este parentesco está sómente documentado para os Guayanã de Faxina. Já Azara distingue entre Guayanã da lingua Guaraní e outros de lingua não-Guaraní, e não creio que estes ultimos tivessem sido Kaingang guaranisados, como Métraux julga. Em todo caso, os actuaes Guayanã de Pirapitá, na margem direita do Paraná são Guaraní legitimos.

Agora os chamados "Tupí" do Arroyo Ivotirocay (assim, e não Ivitocay) = Ingain: Quando o Dr. Baldus em 1933 emprehendeu a sua viagem ao Paraná e Paraguay eu pedi-lhe que verificasse si ainda existiam esses indios. De volta elle me informou que a tribo tinha sido exterminada "porque não quiz se sujeitar ás leis", segundo lhe disseram. Material linguistico conheço, fóra daquelle que está publicado no tomo VI da Rev. Mus. Paulista: O de Ambrosetti, tomado com dois "peones" (Materiales para el estudio de las lenguas del grupo Kaingangue — Bol. Acad. Nacional de Ciencias. XIV. Córdoba. 1894), e Fr. Vogt (Die Indianer des obern Paraná — Mitt. Anthrop. Ges. XXXIV. Wien. 1904), parecendo este ultimo o melhor, já porque está escripto em orthographia phonetica. Fóra do Tupí do Ivotirocay traz este

autor tambem material dos Kaingang do bando de Bonifacio Maidana, dos Guayanã de Pirapitá e dos Kaigua.

A questão é si estes Tupí do Ivotirocay são ou não identicos aos Guayanã de Patiño e Lista. Infelizmente eu tambem só conheço a transcripção na Rev. Mus. Paulista, mas não as publicações originaes. Segundo aquella o material de Patiño e Lista se refere aos Guayanã de Pirapitá, mas Vogt provou com material linguistico, inclusive textos (e Dr. Baldus o confirmou) que estes são Guaraní missioneiros que se conservaram refugiados durante longos annos. Convinha verificar nas publicações originaes a procedencia exacta deste material de Patiño e Lista. No mais, este material se diferencia tanto do de Ambrosetti e Vogt que não posso supprimir a duvida que se trata eventualmente de duas tribus: A de Lista-Patiño e a de Ambrosetti-Vogt, mesmo admittindo que grande parte das divergencias resultem de erros typographicos (o vocabulario de Patiño foi publicado num jornal de Asunción).

É só o que lhe posso responder. Espero que as informações lhe sejam de algum interesse. Aguardando alguma resposta sua

sou com toda a estima e consideração

Curt Nimuendajú

Curitiba, 30 de novembro de 1944

Muito prezado e ilustre prof. Curt Nimuendajú:

Recebi, há dias, a sua amabilissima e muito instrutiva carta, que se dignou responder-me, e não sei com que palavras lhe posso agradecer a sua preciosa atenção, e em assunto de que o sr. é reconhecido e indiscutível mestre.

Presentemente dois estudos linguísticos indígenas me preocupam: o kaingang e o botocudo. Do primeiro fiz o ensaio, que tive, no ano passado, o prazer de enviar-lhe — "Estudos sobre a Língua Caingangue" — separata dos "Arquivos do Museu Paranaense". O segundo, ainda não publicado, consta de numerosas e variadas frases e vocabulário mais ou menos extenso do dialeto que falam os do vale do rio Doce.

Quero publicá-lo comparando com o vocabulário que o dr. Paul Ehrenreich elaborou na "Zeitschrift für Ethnologie", Berlin, 1887, e com o vocabulário inédito que se acha na Biblioteca Nacional. Esse manuscrito original, português-botocudo, é de autoria do cap. Guido Tomás Marlière. Já copiei, na Biblioteca Municipal de S. Paulo, o vocabulário de Ehrenreich, e pretendo em janeiro estar no Rio afim de copiar o vocabulário inédito da Biblioteca Nacional.

Envio-lhe recortes de jornal sobre a minha breve estadia entre os Botocudo do rio Doce. Quanto ao meu estudinho, que, dentro em breve, publicarei — "O Xokrén é Idioma Kaingang", digo o seguinte: "O xokrén apresenta-se interessantíssimo, se fór encarado também com relação à Antropologia. Admite o prof. Egon Schaden que se trata de uma língua resultante de mistura de hordas aloglóticas ("Einiges über die Schokleng von Santa Catharina" "in" "Pindorama", S. Paulo, ano I, cad. 2 e 3, 1937, p. 24). Estou

inclinado a admitir esta hipótese, mas de jeito nenhum creio tratar-se propriamente de mistura glótica, em que os elementos de um idioma pesam de qualquer modo no vocabulário de outro, porém, sim, de substituição de uma língua por outra, denunciada pela concordância das *Leitwörter*. A horda vencedora adotou o idioma dos vencidos (o kaingang), não por meio destes mesmos, os quais foram mortos, porém através das mulheres e crianças, que foram preservadas, como despojos. — Que indígenas seriam êsses? Têm a palavra a Antropologia e a Etnologia.

Para corroboração dêsse amálgama, baseio-me em três pontos lingüísticos, os quais serão provas, com ulteriores investigações em maior amplitude:

1.º) Há solução de continuidade glótica entre o kaingang do Paraná e o do Rio Grande do Sul, justamente em Santa Catarina. Grosso modo, há maior concordância fonética entre o Paraná e o extremo sul que entre Santa Catarina e os demais.

2.º) O f do kaingang corresponde ao z do xokrén. O fenômeno só é explicável por substituição (*Lautersatz*) e não por evolução (*Lautwandel*). E dêste fato notável se deduz que a tribo aloglótica vencedora desconhecia o fonema f.

3.º) A língua que desapareceu, deverá ter deixado alguns elementos lexicais. Farão parte do substrato aquêles vocábulos que eu não pude identificar? (Exs.: *Kaklá*, “beber”; *ngrokossüna*, *katyéma*, “bodoque”; *létadma*, “jacaré”; *nyondüma*, “joelho”; *úgm*, “porco”; etc., etc.).

Infelizmente o material lingüístico do botocudo de Santa Catarina é escasso. E soube, há pouco, que o exemplar do “*International Journal of American Linguistics*” em que se encontra o trabalho do prof. Jules Henry, está esgotado. Do kaingang de S. Paulo possuo o exíguo vocabulário que se acha na separata do dr. Afonso A. de Freitas — “Os Guaianá de Piratinin-ga”. Eu quisera imenso perflustrar o material kaingang que o sr. colheu em S. Paulo. Não quer dar a honra de o publicar nas páginas dos “Arquivos do Museu Paranaense”, que, dentro em breve, será iniciada a composição? Deficiente ou não, sempre será de grande valia para quem souber servir-se dele. Há de perdoar-me a insistência com que me dirijo ao sr. Eu me valeria, nesse sentido, da boa amizade que o ilustrado prof. Baldus tem para com o sr.

Há poucos dias recebi uma carta do mesmo, dizendo-me que estava em vésperas de partir ao Paranapanema, afim de recolher material para a história dos Kaingang.

Presentemente estou copiando o vocabulário opayé-xavante que o sr. publicou na “*Revista del Instituto de Etnologia de Tucumán*”.

Eu quisera adquirir, a qualquer preço, tôdas as separatas que talvez o sr. tenha, referentes a qualquer língua indígena. Perdoe-me esta declaração!

Abraços do

Mansur Guérios

Belém do Pará, 16 de Dezembro de 1944

Illmo. Snr. Rosário Farani Mansur Guérios

Curitiba

Muito lhe agradeço a sua amavel carta de 30 de Novembro. Li com muito interesse as suas exposições e o artigo sobre os Botocudos. Entretanto, queira desculpar-me si em alguns pontos não concordo com o Snr. e que peço permissão para apresentar-lhe estas divergencias, junto com algumas outras observações minhas sobre os assumptos tratados pelo Snr.

1) Eu sei muito bem que é commum considerar os Botocudos — Borun(g) como descendentes dos Aimoré, e que esta identificação foi oficializada pelo SPI. Entretanto, em que se baseia ella? — O pouquissimo que sabemos da ethnographia dos Aimoré não falla em favor dessa identificação. Sobretudo não acredito que a todos os que escreveram sobre os Aimoré tivessem escapado aquelles característicos dos Botocudos que nenhum dos historiadores dos Botocudos deixou de salientar: Os discos auriculares e labiaes e o corte do cabello. No hiato de quasi seculo e meio que existe entre o desaparecimento dos Aimoré e o surgimento dos Botocudos só se encontram algumas vagas menções de Aimoré ou Imboré (Cap. André Pinto, 1732. Crl. João Gonçalves, 1805, etc.) que ao meu vêr não são provas de que os Aimoré do seculo XVI de facto continuaram ainda a existir naquella época. O facto que os Botocudos surgiram na mesma região em que appareceram pela primeira vez os Aimoré (Rio de Caravellas = Rio Mucury) não prova a sua identidade, pois na mesma zona existiam tambem as tribus da familia linguistica Maxakarí e os Pataxó.

Pelo contrario, parece que os Gueren que invandiram a região costeira da Bahia em 1693 e cujos ultimos sobreviventes o principe von Wied-Neuwied em 1816 encontrou perto de Ilheos, fallavam a mesma lingua dos Botocudos (Reise, II. p. 97/98).

2) Eu conheci aquelle rapaz de nome Pak que foi o seu professor de lingua: É um dos tres filhos de Mui(n)', ultimo chefe do bando Txonvúgn (bando do chefe Krenák).

3) Tambem conheci muito o seu outro informante, Manoel Aratimbó que aliás recebeu a alcunha de Aratimbó do Crl Vasconcellos, do SPI quando este demarcou a reserva territorial de Paraguaçu. É o filho daquella india velha Jacinta Grayürá da qual lhe fallei na minha carta anterior; o pae era neo-brazileiro. Manoel Aratimbó não falla a lingua Kamakã, disto tenho certeza, mas talvez conheça uma ou outra palavra que aprendeu com a velha mãe delle. Permitta-me que chame a sua attenção para este facto, porque acho o Aratimbó muito capaz de uma mystificação em materia linguistica. A lingua Kamakã é muito dura e difficil de escrever, muito mais que a lingua dos Botocudos, e eu duvido que elle tivesse sido capaz de reproduzi-la de uma maneira phoneticamente exacta.

4) Botocudos Crenagues. Descendentes do bando do chefe Krenák são no Posto Guido Marlière sómente aquelles tres filhos de Mui(n)'. A quasi-totalidade (50 cabeças em 1939) são Naknyanúk.

5) O systema de parentesco dos Botocudos é extremamente simples, conforme verifiquei com a minha informante da tribo Potén, em Tambacury.

6) Guido Marlière não pacificou os Botocudos de Krenák mas, si bem lembrado estou, os do Rio Goandú.

7) Borun(g), Borúgn, ao que me parece, significa indio em geral e Botocudo em particular.

8) Eu tambem penso que a lingua de todos os Botocudos-Borún(g) seja uma só, com differenças locais relativamente insignificantes e que esta lingua é isolada, e não pertence à familia linguistica Gê.

Eu não acho as divergencias entre a lingua Kaingang e a dos Botocudos de Santa Catharina de uma natureza tal que se precisasse recorrer à hypóthese de uma transferencia da lingua Kaingang para um povo não-Kaingang. Eu tambem notei que os Kaingang de S. Paulo e os do Rio Grande do Sul pronunciam "ä" onde os do Paraná pronunciam "e", mas não sei si existem mais outros phenomenos phoneticos que justificam que se falle em solução de continuidade dos dialectos. Quanto à substituição do "f" Kaingang por "z" e "s" no vocabulário de Gensch) na lingua dos Botocudos ella talvez se explica pela perforação do labio destes ultimos. Mas tambem conheço por ex. dialectos de Tupí puro (Kayabí, Würafét etc.) que substituem os "kw" dos outros Tupí por "f", e não creio que isto represente a forma original, e que os Tupí tivessem abolido o "f" devido ao uso do tembetá (que, na verdade, aquellas tribus não usam).

Não sei a que ponto vão as divergencias grammaticas entre Kaingang e Botocudo, mas me parece que tambem não são muito profundas. — Que explicação tem o Snr. para aquelle suffixo -ma que apparece em quasi todos os substantivos e verbos do vocabulario de Gensch? Será um mero affirmativo? No dialecto dos Guayaná de Faxina os substantivos tem o suffixo -ve, mas no Kaingang não conheço elemento semelhante.

Finalmente quero chamar a attenção do Snr. para o seguinte facto, sem tirar delle conclusões apressadas: Num numero de casos as formas da lingua dos Botocudos se assemelham mais às dos Tupí do Ivotiroyay (Ingain) que às dos Kaingang:

	Ingain	Botocudo	Kaingang
Cinza nmará mlá (ma) bréië
Milho kundá gála-koná (ma) nyá'rá
Pindó djün tayüne (ma) tãin
Cutia txa ché (ma) keshong
Urú kle pútpule-klá (ma) putpürü
Melipona sp. kukra kangró (ma) ? —
Nádega ãngó engéno dagn
Mão nengó nengá ningé
Pé bàn (a) pane (ma) pen
		etc.	

Peço que não tome a mal essas observações que estou fazendo. Não sou doutor nem mereço o titulo de "mestre" que a sua benevolencia me con-

feriu. Tenho errado muitas vezes, e sempre estou prompto para corrigir os meus erros à vista de novos dados. Remetto-lhe a copia do meu vocabulario Kaingang de São Paulo para o Snr. tomar conhecimento. Peço-lhe porém que não o publique, nem a elle nem a nenhuma das minhas cartas.

Escreva-me sempre sobre os seus estudos.

Sou seu amigo

Curt Nimuendajú

NOTA: — Devem-se à demasiada modéstia de Nimuendajú as palavras finais desta missiva, em que elle solicita não seja publicado o vocabulário apenso, nem tão pouco as suas cartas. E' fora de dúvida que, presentemente, não há sério motivo para não dar a lume tão preciosas lições.

R. F. Mansur Guérios

KAINGANG — YAKWÄ (N) DAGTÉYE

Levantado com a india Mariana, do Rio do Peixe, na Fazenda Mattão do Crl. Sanches Figueredo, perto de Platina, em 1909.

Lingua — noné	Criança — koxi
Bocca — yantkü'	Criança de peito — koxi-ti
Labio — yantikü fűrü	Irmão — rengré
Dente — inyä'	Irmão menor — rengré korü(n)
Mão — ningé	Irmã — itãkevi
Hombro — yanemégn	Irmã menor — iuvé
Braço — iopé	Pre — ió
Antebraço — iangefé	Mãe — iã
Dedo da mão — ningé féye	Sogro — ikakré
Pé — ipén	Sogra — igmbó
Coxa — ikré	Gente — kaingágn'
Canella — itfá	Homem — ungré
Dedo do pé — ipén féyé	Mulher — unatü'
Nariz — ninyä'	Velho, chefe — kofá
Pelle — fűrü	Neobrasileiro — fogn
Olho — ikané	Casa — in
Orelha — ningre(n)'	Flecha — igndó
Pescoço — indüi	Arco — iui
Peito — itfé	Machado — begn
Cabeça — ikre(n)'	Panno — kuru
Cabello — ignei(n)	Canoa — kankéy
Unha — ningrü	Panella — kukrö'
Agua — góyo	Cnya — iové
Rio — góyo ãagn	Peixe — pirä(n)'
Madeira — ka	Lambary — kangro fűrü
Arvore — kantéyé	Cobra — pan
Pedra — po	Macaco — kayéne
Area — re(n) yere(n) yë	Veado — kambé
Terra — ga	Onça — mi(n)
Fogo — pi(n)	Milho — nyä'rë
Lua — kuxá	Batata — ped-ó
Sol — erä(n)'	um — umpiri
Céu — kaiká	dois — rengré

Chuva — ta
 Mato — uai(n)ká
 Morro — erüdn
 Estrella — kri(n)
 Tio paterno — iô rengre
 Tio materno — iã rengre
 Dia — kaiká
 Inverno — kuxá tüti
 Verão — erä(n)' tüti
 Levantar do sol — erä(n)' iüri dimõ
 Vento — kenká dimõ
 Trovão — kaiké(n)' ta
 Calor — erä(n)' tüti
 Frio — kuxá tüti
 Caminho — aprü'
 Terra roxa — õ kuxõ'
 Campo — 'ère
 Sepultura — ga dórõ
 Fumaça — niirá
 Cinza — mre(n)'yë
 Pingo d'agua — nãndõ dimõ
 Agua quente — góyo arä(n)' dimõ
 Abobora — pachü
 Feijão — ran(g)grõ
 Cocus campestris — te(n)
 Cipó guambé — komorõn
 Caraguatá — ère(n)'
 Fructa de Caraguatá — ère(n)' kané
 Taquara — hevén
 Taquapi — kre(n)
 Folha de taquapi — kre(n) féyë
 Guabiroba — panuá
 Jaracatiá — kanxú
 Cangica — küfi
 Pipoca — narú
 Queixada — kri(n)
 Jaguatirica — grud xi
 Cachorro — hogn-hógn
 Coaty — txé
 Paca — krürá'
 Cutia — kaixó
 Capivara — krü(n)dügn
 Rato — katxin(g)
 Tatú — heidyhó
 Anta — oyóro
 Taitetü — ogixá
 Gambá — iarã kokré
 Nariz comprido — ninye(n) téyë
 Garganta — itxõve(n)grú
 Barriga — indügn
 Umbigo — indügn düdn
 Cotovello — iope(n) düdn
 Dedo pollegar — ningé bâgn
 Articulação — ningé iakrinya
 Joelho — iakre(n)'
 Tornozello — ipen iakre(n)'
 Cerebro — tikoyó
 três — tätõ
 quatro — wekangrá
 cinco — peikará
 amanhã — wáyeká(n)
 á tarde — anakái(n)
 Noite — kutük
 Bugio — gogn
 Aza de ave — tifënë
 Gallinha — kodkõdu
 Papagaio — kantõ
 Arara — kaegn
 Tucano — grõ
 Picapau — nagrin(g)õ
 Jacutinga — pedý
 Jacú — koü'
 Urú — putpüri
 Inambú — de
 Gavião — yongõgn
 Rã — gre(n)'i
 Sapo — bo, hü'vü
 Maribondo — pe(n)dü
 Jatehy — ti(n)
 Pernilongo — txi(n)
 Mosquito — karã'
 Mosca — katoí(n)
 Borboleta — meberó
 Pulga — kampõ
 Carrapato — tiri
 Homem brabo — ungré yumá
 Homem preto — ungré txü
 Homem alto — ungré téyë
 Homem magro — ungré kayó
 Homem gordo — ungré bâgn
 Marido — idmédn
 Esposa — iprõ'
 Índio Coroado — Kaingâgn'
 do Rio do Peixe — Yakwã(n)-dagtéye
 do Tibagu — Xokre(n)'
 Sobrancelhas — ikoyokí
 Pestanas — kané yumbü'
 Testa — ikake(n)'
 Queixo — irã'
 Barba — irãne(n)'
 Bigode — yantkü ne(n)
 Face — iamé
 Ouvido — iningre(n) dóro
 Dansa — gringrëyë
 grande, grosso — bâgn
 alto — téyë
 longe — koaragü'din
 magro — kayó
 curto — onorürü
 branco — kupri
 preto — txü
 vermelho, marrão — kutxõ'
 verde, azul — tody
 quente — arä(n)' tüti

Chifre — tiniká
 Cauda — timbü'
 Osso — tikuká
 Veia — timrõn
 Sangue — kovédy
 Pulso — ikafü'
 Suor — idyá
 Saliva — idyará
 Gordura — tide(n)'
 Cadaver — titéré
 Casa grande — in bâgn
 Casinha — in ondá
 Cama — waxó
 Remo — kadampéra
 Anzol — anküi
 Linha do anzol — anküi dyüdn
 Agulha — prä'yë
 Pente — 'vaekürü'ya
 Taquara de dansa — tugndu(n)'
 Cesto — keinyé
 Cestinha — kre
 Cabaço — rudniá
 Pilão — krã'yë
 Mó de pilão — kra
 Chapéu — kre(n) kri tévë
 Collar — nyantká
 Linha — indãrefe(n)'
 Carne — tini
 Mel — mã(n)
 Cera — déyë
 Farinha — metfü
 Pão — iami(n)'
 elle está dormindo — hadnóro
 elle já accordou — iwã rirináni
 é meu — ixó
 é teu — ató ve
 traga a panella! — bakandi(n)' kukrõ'
 vou-me embora — etxin(g)gená
 coma! — hakó
 toma! — kãmira
 vae! — hati(n)'
 venham! — hakamonye(n)'
 entra! — hakaná
 Antonio está? — Antonio mükani(n)'
 elle está — ké fini
 elle não está — tõ' fini
 quero beber agua — góyo kroggn hé tüti
 não tenho — ke tõ
 não quero — déa
 não trago — bakandi(n) ke tõ
 doe-me a barriga — indügn kangá tüti
 doe-me a cabeça — ikri(n)' kangá tüti
 estou bom — inhé tüti
 para onde vais? — txingená aprü' yábá
 vou para casa — txingená ixó in.

podre — tikokré
 doce — krudnhü' tüti
 nú — kuru tõ
 cançado — inyui(n)prá tüti
 doente — kan(g)gá tüti
 cego — kutri tüti
 bom, bonito — hatavi, xinui
 bravo — iumá
 mau, feio — korëgn
 bebado — tatéré
 cozinhar — angréinda
 morrer — férë
 matar — tedn
 morder — tiprãrá
 gritar — prërerë
 queimar — poru(n) dimõ
 meu pae morreu — iõ wentéré
 morrer afogado — góyo rótë
 buscar agua — góyo ruti(n)'
 beber agua — góyo hakrõn
 aquecer agua — góyo rán(g)gre
 Rio Tieté — Góyo txa kroggn
 Rio do Peixe — Góyo bâgn kupri
 Rio Feto — Góyo txi
 buscar lenha — pinti(n)'
 fazer fogo — kidyanká
 soccar milho — tidndidn nyã'rá
 debulhar milho — gre(n)da nyã'rá
 não chove — kute(n)' ketõtün
 faz calor — inyuakarânmo
 ainda não comi — iwã ketóni

Obs.:

- ä = som intermediario entre e e a
 x = quasi como *lx*. (port. em *xarope*, ou *sh inglês*, ou *sch alemão*).
lx = *ch* inglês.
 f = quasi como *v*.
 ê, ã, ù = postpalatal.
 ' = indica tonicidade.
 (n) = significa vogal nasal como o til.
 n(g) é ressoante nasal; equivale ao -ng do alemão ou do inglês.

Belem do Pará, 16 de Dezembro de 1944

Curt Nimuendajá

NOTA: Como eu disse na Introdução, tive de substituir por outras as letras com sinais que só algumas tipografias possuem.

R. F. Mansur Guérios.

Curitiba, 10 de janeiro de 1945

Muito prezado e ilustre Curt Nimuendajá:

Respeitosos cumprimentos.

Esta é a resposta da que o sr. se dignou enviar-me, datada de 16 pp. Antes de tudo, quero confessar-lhe que muito tenho aprendido com as suas preciosíssimas cartas, tão cheias de notáveis ensinamentos, e de quem, como o sr., conviveu, durante largos anos, com as mais variadas tribos do Brasil, e que, por conseguinte, merece e muito justamente o título honroso de mestre. Não é somente nas escolas superiores que se obtêm títulos, senão ainda na universidade do mundo. Pelo fato de que a gente é passível de erro, não é motivo de recusar o título de mestre concedido pelo consenso dos especialistas, e grande é aquêle que retifica suas próprias opiniões, teorias, em vista de novos estudos, etc.

Em junho de 44, ao entregar pessoalmente ao prof. dr. Herbert Baldus o recorte de "Entre os Botocudos do Rio Doce", perguntei-lhe se não seria bom adotássemos a denominação antiga Aimoré, em vez de Botocudo, ao que logo me pôs êle de sobreaviso e declarou ainda já estar definitivamente consagrada, na Etnografia, o nome de Botocudo. Esqueceu-me de, na última carta, transmitir ao sr. que eu já estava ao par dêsse esclarecimento.

Passo agora a explicar outros tópicos do meu artigo, que mereceram sua preciosa atenção.

De fato, Manuel Aratimbó não fala o kamakã, mas não afirmei o contrário. Eu devia declarar que êle me confessara se tinha quase completamente esquecido a sua língua, pois já havia anos que deixara os seus. Mas, o pouco material que me forneceu, é legítimo kamakã, como pude verificar da comparação a que procedi com os vocabulários de "La Familia Lingüística

Kamakã del Brasil" de Chestmir Loukotka in "Revista del Inst. de Etnologia de la Universidad de Tucumán, t. II, 2.a, Tucumán, 1932 (da p. 510 a 524). Tomo a liberdade de citar alguns exs.:

"agua"	Aratimbó Martius Douville Mongoio (Wied)	sã zan d'san su
"andar"	Aratimbó Martius Mongoio (id.)	hãmã', âmã' emang mãn
"anta"	Aratimbó Douville Kotoxo (Martius) Menien (Wied)	rê heré here ere
"fogo"	Aratimbó Martius Sá de Oliveira	tvaköü', tvaköu tiakö' diakö
"paca"	Aratimbó Mongoio (Wied)	káfi kávü
"preto, escuro"	Aratimbó Menien (Wied) Mongoio (Wied)	kuáda kuatá koa-xé-da

Coligi cêrca de 200 palavras, contando-se repetições. Não me forneceu nem os pronomes, nem os numerais. Não digo que êsse pequeníssimo vocabulário seja perfeito, mas, conforme o sr. poderá depreender dêsses exemplares, tem algum valor, porém contesto que o kamakã seja muito difícil de escrever. Achei, pelo contrário, incomparavelmente muito mais difícil o botokudo. Sei que o Príncipe Wied declarou ser a língua kamakã "muito singular, cheia de palavras e extensas, com muitos sons guturais, pelo que se diversifica profundamente das anteriormente tratadas." E quanto ao botokudo, sei que assim se exprimiu: "Casos há em que o som de algumas consoantes é muito confuso e não se distingue, o que torna algumas vêzes ininteligível, se bem que o seja menos que outras línguas tapuias." Porém, eu acrescento que a seqüência de mais de um século pode produzir variações mais ou menos profundas na fonética.

Relativamente ao sistema de parentesco, devo esclarecer que isso eu não deverei ter afirmado, mas que difícil é a sua coleta, o que não é a mesma coisa. No entretanto, lembrar-lhe-ei as palavras de Henri H. Manizer sôbre o mesmo assunto.

A respeito do cap. Guido Marlière, peço vênia para reafirmar que o mesmo pacificou não só os Botokudo de Krenák, senão ainda outros de outras regiões, assim como os Puri, etc. Tenho à mão o n.º 10 da "Revista do Arquivo Público Mineiro", ano X, fasc. I e II, jan. a junho de 1905, B. Horizonte, 1904, onde, da p. 383 até à p. 668, há numerosos documentos das grandes atividades dêsse francês em várias localidades do vale do rio Doce. No n.º 11 dessa "Revista" há notas biográficas do mesmo capitão em que se declara o que aqui se afirma.

Passo agora a falar dos Xokrén de Santa Catarina.

Pretendo estudar com especial carinho esse idioma, porém tenho também de considerar as ciências afins — Antropologia, Etnografia... Repito, pois, o que provavelmente o sr. já sabia. São de Egon Schaden estas palavras: "Neuerdings ist jedoch ausser Zweifel gestellt worden, dass es sich um kulturell verschiedene Stämme handelt. Es besteht allerdings eine Aehnlichkeit in der Sprache... und in einigen Sitten und Gebräuchen. Sicherlich hat vor längerer Zeit eine Mischung stattgefunden" (Pindorama, 2 e 3, S. Paulo, 1937, p. 24). Vou procurar alhures a confirmação.

Todos os ff do kaingang não são primitivos, i. é, todos provêm de pp, conforme demonstrei com alguns exs., à p. 14 e seg., dos meus Estudos sobre a Língua Caingangue. Poderei, com facilidade, aumentar o número de provas. Assim, o z do xokrén de jeito nenhum representa uma fase primária. É a sequência fonética kw > f de línguas tupis, que o sr. me expõe, é Lautwandel e não Lautersatz. O fenômeno deve ter-se realizado assim: kw > kv > kf > f. Kw é primitivo.

No guajajara do Maranhão observa-se que, ao i, e ao j dos outros idiomas tupis, corresponde o z. Não está no mesmo caso do kaingang-xokrén. J > z é evolução natural, não substituição, mas j não é fonema primevo, senão i semivogal.

Não posso atinar o que seja o sufixo -ma do xokrén, que, segundo os pequenos vocabulários de José Maria de Paula, se acha não só em adjetivos (pale(n)-ma, "raso"; layógú-ma, "quente"; pando-ma, "torto"), mas até em advérbios: kulág-ma, "amanhã"; etc. Também não descobri o que seja o -ve de le-ve, "sol"; do-ve, "flecha"; me-ve, "jaboticaba", fogfog-ve, "cão", dos exemplares de Saint-Hilaire.

Não resta dúvida que são curiosas as comparações entre o ingain, o bokudo e o kaingang, porém o defeito máximo é a escassez do material, principalmente do primeiro.

Fico-lhe muito agradecido pelo vocabulário que me remeteu.

O dr. Loureiro Fernandes, catedrático de Etnografia na Faculdade daqui, meu colega, de quem o sr. deve estar lembrado pelo conhecimento travado no Rio, há poucos anos, pede-lhe diga em que pé está a próxima coletânea de todos os seus trabalhos traduzidos que o Museu Nacional editará.

Eu aqui na Faculdade de Filosofia não leciono matéria afim desses estudos, mas Português.

Abraços, e votos de felicidades no decurso do novo ano!

Sempre às ordens!

Mansur Guérios.

Belém do Pará, 25 de Janeiro de 1945

Prezado amigo Sr. Rosário F. M. Guerios.

Muito obrigado pela sua interessante carta de 10 de janeiro. Vamos continuar a tratar desses assumptos, si a sua paciência ainda o permittir.

1) O Kamaká'. — O que eu receiava com relação ao Kamaká' do Aratimbó era que elle não tivesse sido capaz de reproduzir com exactidão aquelles sons da lingua que divergem do portuguez e que elle com isto descaracterisasse a lingua. Em parte isto de facto parece se ter dado, como deduzo de uma comparação dos exemplos citados pelo Snr. e pelo facto de o Snr. affirmar a simplicidade phonetica do Kamaká'. Jacinta Grayurá, mãe de Aratimbó não só fallava o Kamaká' isento da influencia phonetica do portuguez como, ao contrario, pronunciava o portuguez á maneira Kamaká', ao ponto de me torna-lo a principio quasi incomprehensivel. Os exemplos são vocabulos que tomei da sua bocca:

(x = ch allemão em "ach", sh inglês. — tx = ch inglês. — xh = ch allemão em "ich". — â, ü = postpalatal. — kh, ph, th e tsh não são k, p, t e ts emphaticos, mas k+h, p+h, t+h e ts+h).

	Aratimbó:	Jacinta:
Aguasãtshã
Fogotxaköü'txaxké
Pacakáfikavy (monosyllabo)
pretokuädákwahädá

Alem das combinações de consoantes acima, figuram no vocabulario de Jacinta ainda outras bastante estranhas, como p .ex.:

khashk	= bebida de mandioca
antxaxkxh	= fallar (provavelmente: tu estás fallando).
kfiöá	= maracajá
shanents	= jacutinga
kxhko	= ferida, etc.

Para taes gymnasticas de lingua eu acho Aratimbó incapaz. Talvez encontrem-se no seu vocabulario algumas dessas palavras citadas que lhe permittam uma confrontação.

2) A pacificação do bando de Krenak. — Por ocasião da visita de Ehrenreich este bando estava ainda "völlig wild und feindselig"; elle lhe dá o nome de Takruk-krak. No tempo da installação do SPI no Rio Doce existiam (1911) ainda tres bandos hostis: os Krenak (Chefe Mui(n)'), os Minyã'-yirúgn (Pancas) e os Poyitxá (São Matheus). Portanto, só si os Krenak, depois da pacificação por Marlière se tornaram hostis outra vez.

3) Os Botocudos de Santa Catharina. — É preciso que eu repita ao Sr. o que há pouco escrevi ao Dr. Baldus: Acho também muito provavel que, fóra dos Guaraní e Kaingang (e parentes) tivesse existido no Paraná um ou mais elementos ethnicos differentes daquelles. De muitas tribus citadas pelos antigos chronistas nada sabemos a respeito de sua filiação, sinão affirmações sem fundamentos. Em São Paulo existiu, encravada entre Guaraní e Kaingang, a tribu isolada dos Xavánte-Otí; os chamados "Botocudos" da região do Ivahy são linguisticamente Guaraní mas culturalmente nem Guaraní nem Kaingang (Aliás: o Sr. pode me dizer si ainda existem remanescentes delles? Caso que sim elles bem mereciam a attenção do Sr.). O P. Chagas Lima cita entre o Paraná, o Piquiry e o Ttatú os Taven que não fallavam

Guaraní e, como elle considera Guaraní e Kaingang aparentado, tampouco este ultimo. A que Serrano escreveu sobre esse assumpto não me satisfaz bem. Eu mesmo não posso dedicar a um estudo da ethnographia antiga do Paraná por falta da litteratura antiga. Si o Sr. o tentasse um dia?

4) **Kaingang.** — Reli o que o Sr. escreveu sobre a origem do f em Kaingang. Infelizmente as razões expostas pelo Sr. não conseguiram ainda convencer-me bem. A pronunção notada pelo Sr. eu não ouvi. Só notei um f como em portuguez. Os vestígios em vocabularios de outros autores são duvidosos devido à incoherencia da orthographia. Tive a impressão que Fr. Mansueto não comprehendeu bem a phonetica dessa lingua. Seria muito a desejar que o Sr. ouvisse pessoalmente o dialecto de São Paulo e o de Rio Grande do Sul. Então as suas conclusões teriam outro valor. — O mesmo vale quanto ás correspondencias extra-Kaingang: A orthographia de Pompeu Sobrinho em Merrime é especialmente deficiente, disto sei eu que tenho sempre algum pequeno conhecimento da lingua Canella. Finalmente, estendendo a comparação mundo afóra a incerteza cresce ao ponto de tornar de pouco valor os exemplos. Em geral acho que o Sr. em muitos casos associa palavras que apenas tem pouca probabilidade de serem de facto relacionadas. Com exemplos como Kaingang *fâgn* (a mim a palavra soou "fen" no Ivahy) = Nicobar *pakau*, "pez", o Sr. abandona por completo o terreno seguro. Mas pelo amor de Deus não me tome a mal esta critica A priori, eu acho a procedencia do f em Kaingang como o Sr. a explica, muito plausivel. A comprovação apenas me parece ainda insufficiente.

Em todo caso, si houve um Lautersatz Kaingang f Botocudo z elle devia ter-se dado depois da substituição do p pelo f em Kaingang?

O meu vocabulario Kaingang de São Paulo. — Depois de lhe ter mandado tornei a percorre-lo, e vi que tenho de prevenir o Sr. de que em muitos sentidos elle NÃO representa bem o dialecto proprio de São Paulo, isto é, do Aguapehy e Peixe como eu o ouvi tres annos depois, quando fizemos a pacificação destes Kaingang. Agóra faz já mais de 30 annos que nunca mais ouvi a lingua Kaingang, mas ainda me lembro bem do seguinte: os Kaingang, de São Paulo pronunciavam *tx* em lugar do *x* dos do Ivahy, e *v* (dento-labial) em lugar de *f*. Em muitos casos pronunciavam tambem *ã* ou quasi a ein lugar de *e*. Os nomes *Favign* e *Xakxodndéré* elles pronunciavam *Vavign* e *Txaktxodndéré*. Que esta pronuncia só raras vezes apparece naquelle vocabulario meu explica-se pela convivencia da india que m'o forneceu com Kaingang do Tibagy dos quaes uma parte, depois da dispersão da colonia São Pedro de Alcantara, emigrou para o Estado de São de Paulo onde um grupo se aggregou ao mesmo Cr. Sanches Figueredo que capturou aquella india, vivendo todos juntos na fazenda Matão delle. Acho necessario este aviso para o Sr. não tirar daquelle vocabulario conclusões erradas a respeito do dialecto de São Paulo.

Faça-me o obsequio de me recomendar ao Sr. Dr. Loureiro Fernandes e de dizer a elle que muito lhe agradeço o interesse que está tomando nos trabalhos meus; que em fins de Dezembro mandei para o Museu Nacional o primeiro manuscripto: "os Ramkókamekra" (Canelas), e que actualmente estou traduzindo o meu stock de lendas, tanto as já publicadas em allemão como

as inéditas. São mais de 300 lendas (incluzive alguns fragmentos) de 22 tribus differentes. Quando porém o Museu Nacional publicará alguma coisa não sei. Encontro uma grande difficuldade, para não dizer impossibilidade de entender-me com o Museu Nacional, facto este que me desgosta e me dá de pensar bastante.

Mais uma vez peço-lhe desculpa por alguma critica que fiz, e espero que, apesar de tudo, podemos continuar a nossa troca de ideas e materiaes.

Abraços de
Curt Nimuendajú

Curitiba, 7 de março de 1945

Prezadíssimo amigo Curt Nimuendajú:

Deixei de responder a tempo a sua de 25/1, em vista de ter eu viajado, estando em férias. Estive em S. Paulo e tive o prazer de conversar com o nosso amigo comum dr. Herbert Baldus, com quem troquei idéias a respeito de assuntos ethnográficos e linguísticos, e fizemos referências à sua pessoa, em vista das nossas atuais relações.

Passo a tratar do que se refere a sua amável e prestimosa missiva de 25 de janeiro:

1.º) O *kamakã*. As palavras que colhi, em comparação com o material botokudo, fizeram-me declarar o de que o sr. se espantou — a simplicidade fonética daquele, simplicidade fonética relativa, devo acrescentar.

Quanto ao *kamakã* que o sr. apanhou da velha Jacinta, não discuto nada, nem discordo absolutamente do que foi acolhido, mas permita-se-me esclarecer. A Linguística moderna dá muito mais importância à linguagem oral que à escrita, e dentro da linguagem oral valem mais as frases que as palavras soltas, porque o homem, em qualquer tempo e latitude, sempre tem falado por meio de frases, do que se conclui que, se quisermos apanhar para o papel a linguagem viva, devemos registrar conversas ou frases de qualquer natureza. Ora, um mesmo homem não fala nunca de um mesmo jeito, embora os fatos possam ser semelhantes; o seu estado de espirito é variável quasi ao infinito, doide, para os mesmos fatos, segundo as circuntâncias psíquicas, devem forçosamente ser registradas as mesmas frases mais de uma vez, porque essas variações de espirito se manifestam na exterioridade fônica (duração, intensidade, altura e timbre). Ora, será possível que um vocabulo isolado possa traduzir todos esses matizes psíquicos? Aliás, isto é possível, se o vocabulo isolado valha por uma frase. Não quero dizer que não tenha valor a coleta de palavras insuladas. O seu valor consiste justamente nisso em que a palavra isolada é um estado psiquico não completamente real, não afetivo ou emotivo, mas intelectualístico, ou, quando muito, pode ser manifestação reflexa de qualquer atividade passada.

Baseado em tudo isso, é que fiz os Estudos sobre a Língua Caingangue, esclarecendo (p. 12 da separata): "Muitas vezes as palavras foram repro-

duzidas de modos diferentes, porque assim foram por mim recolhidas. Ora um vocábulo se apresenta com um fonema, ora sem êle ou com fonema diferente; ora com um acento, ora com outro, e ora sem nada. Ninguém se admire disso, porquanto a linguagem oral é naturalmente instável e muito; depende de circunstâncias subjetivas, da conformação dos órgãos da fala, como também depende das palavras antecedentes e conseqüentes do discurso. Se quiséssemos reproduzir a conversação de qualquer civilizado, teríamos chegado quase às mesmas conclusões acima." De fato, apanha-se de um ou de outro individuo civilizado formas múltiplas, tais como, p. ex., espelho, spelho, ispelhu, expelho, ispêio, etc.

— Qual é a forma correta e qual a errada ou viciada?

— Tôdas são corretas, porque correspondem a realidades psíquicas. É verdade que uma forma pode ser conseqüência de outra, portanto deve-se admitir formas anteriores e posteriores, mas possíveis de coexistência. Além de tudo, é preciso que se tenha em consideração, no individuo, a sua idade, sexo, instrução, meio geofísico em que vive, etc.

2.º) **Kaingang.** Acêrca da origem do f. Mesmo que não existisse a pronúncia do **ph**, que talvez pudesse ter sido peculiaridade individual, quero aduzir novos exemplos para confirmar a sua origem.

Talvez o sr. descreia que um **p** possa evolucionar para **f**, como duvidou o dr. Baldus, porém inclinou-se algum tanto a admiti-lo, quando lhe lembrei que o fenómeno é comunissimo na Glotologia teutônica. Bastem alguns exemplos: anglo-saxão **opan** = alto alemão antigo **offan** (**offen**); anglo-sax. **diop** = alto al. ant. **tiof** (**tief**). Como inicial, lat. **pater** = alemão **vater** (i. é, **fater**). Anglo-sax. **plegan** = alto al. ant. **pflegan** (**pflegen**). Latim **paraveredus** > al. **pferd**.

Voltando ao terreno das comparações americanas, sirvam mais êstes exemplares: **kaingang fan, fá**, "chorar" = uantína **u-pan-kô**, "chorar"; **kaing. fa-g**, "elas" = tupí **pê**, "vós"; **kaing. fé, ki-fá**, "coração" = tupí **pyá**, idem; **kaing. fen**, "quebrar" = tupí **pena, mo-péne**, idem; **kaing. fuöre, f(t)ör**, "pele, couro" = tupí **pi-pera**, idem; = krixaná **pi-peré**, idem; **kaing. feère**, "penas" = ipurukotó **ia-peri**, idem; etc.

Quanto às deficiências que o sr. acha nos vocabulários de Fr. Mansueto e de Pompeu Sobrinho, podem muito bem ser sanadas mediante comparações com os outros vocabulários dos mesmos idiomas e de outros autores. E ademais diz um célebre lingüista suíço, que os sinais escritos nada mais são que imagens cuja exatidão deve ser determinada.

Eu acho razoável a sua dúvida naquelas comparações extra-americanas, as quais, afinal, para merecerem acolhimento, necessitam, como alhures, de maior extensão no terreno dos confrontos. Contudo, não sei se o sr. acolhe as investigações lingüísticas de Alfredo Trombetti e os cotejos de Paulo Rivet...

3.º) **O seu vocabulário kaingang de S. Paulo.** Fico-lhe muito agradecido por me ter pôsto de sobreaviso quanto ao vocabulário kaingang, que, embora apanhado em S. Paulo, "não representa bem o dialeto próprio de São Paulo, isto é, do Aguapehy e Peixe..."

Transmití ao dr. Loureiro Fernandes as suas recomendações, assim como as novas referentes aos seus trabalhos. Sentimos muito, assim como sentiu o dr. Baldus, que haja grandes dificuldades na feitura dos mesmos, que é de tamanha importância para a Etnologia nacional. Fazemos votos que se afastem todos os óbices e os tenhamos o mais depressa possível.

Conte sempre com a minha paciência para o que der e vier.

Sempre muito agradecidamente,
Mansur Guérios

Belém do Pará, 17 de Março de 1945

Caro amigo Snr. Mansur Guérios

Respondo com muito prazer á sua interessante carta de 7 de Março. Antes de tudo convem salientar que não estou absolutamente tratando de levantar ou derrubar theorias scientificas. Apenas procuro applica-las nos casos concretos de que temos tratado na nossa correspondencia.

Em primeiro logar acho que o Snr. tenha plena razão de salientar a influencia de momentos psychicos sobre a lingua oral, e uma vez que ella existe, deve ser estudada e levada em conta devidamente. O que me parece, entretanto, é que o Snr. dá demasiada importancia a essas influencias. Seria preciso que o Snr. me dissesse que as variantes "espelho, spelho, ispêhu" etc. correspondem ás condições psychicas **a, b, c**, etc. Enquanto isso não fôr possível todas essas diferenças, alias ao meu vêr bem insignificantes, nada nos adiantam practicamente, e tirar conclusões baseadas nellas só pode causar confusão. Practicamente todo mundo, inclusive o Snr., desconsidera taes diferenças: a que matizes psychicas correspondem a forma "diop" do anglo-saxão e "tief" do allemão? O Snr. compara as duas formas sem se incommodar com esta pergunta, e nem podia ser de outra forma. Talvez o Snr. vá dizer que, precisamente por se tratar de palavras isoladas, a influencia psychologica é nulla ou quasi nulla. Mas si o momento psychologico é tão importante e decisivo: Porque o Snr. forma os seus exemplos comprobatorios com elementos onde elle se acha excluido? — A mim essa questão da psychologia linguistica me parece apenas uma das muitas tentativas que appareceram com Freud de conferir á psychologia a ultima palavra em tudo quanto se refere ao homem. A que resultados desastrosos essa tendencia pode levar demonstra por ex. a sua applicação á sociologia. — O que quer dizer isto, que a lingua fallada tem muito mais importancia que a escrita, si a fallada só é practicamente aproveitavel para estudos linguísticos depois de escrita? O que vale um phonogramma de qualquer lingua indigena si elle não fôr transcripto, traduzido e analysado? O discipulo em qualquer lingua — por exemplo o Snr. com os seus informantes Kaingang — tem de levar immediatamente ao papel as suas lições.

Si bem comprehendo, o Snr. attribue as divergencias entre o Kamakã de Aratimbó e o de Jacinta a estados psychicos diferentes entre os dois infor-

mantas. Mas ellas não se manifestam em forma de diferenças de duração, intensidade, altura e timbre, mas na falta de certos sons, proprios da lingua Kamaká mas que faltam ao Portuguez, da parte do primeiro dos informantes, e esta falta não se explica psicologicamente mas simplesmente pela pouca practica que elle tinha do Kamaká.

Si o Snr. encontra a palavra de "lua", da lingua Kaingang escrita "koi-chá" por Dulley, "coché" por Saint-Hilaire, "qcham" por Ewerton Quadros, etc., isto não é devido a influencias psychicas diversas, visto tratar-se de uma palavra isolada. Mas si numa palavra isolada podem apparecer tamanhas divergencias por outras razões: Quem nos diz que as diferenças notadas em phrases não procedam de causas identicas? A dura experiencia tem me ensinado que a principal causa de semelhantes divergencias está na apercepção e reproducção deficiente por parte dos diversos autores dos sons da lingua estranha que elles procuram identificar, ora com este, ora com aquelle som da sua propria lingua materna. Dulley chega a declarar que a orthographia ingleza é especialmente propria para reproduzir a lingua Kaingang (cito de memoria).

Eu comprehendia muito bem si o Snr., escrevendo um dia a ultima palavra sobre a lingua Kaingang, dedicasse um longo capitulo a influencias affectivas e emotivas sobre os phonemas, mas em assumptos puramente comparativos como estes de que nós estamos tratando, querer tambem leva-los em conta só pode ser prejudicial. Si meia duzia de variantes da palavra "espelho", por representarem inevitaveis matizes psychicas, são todas igualmente validas, o Snr. tem naturalmente a faculdade de escolher para a comparação aquella que mais lhe convier. E si isto vale para as variantes de "espelho" porque não para as da palavra "lua" em Kaingang também. Veja onde isto vaé parar!

Agora a origem do f em Kaingang: Eu não descreio absolutamente que um p possa evolucionar para f, tanto que na minha carta de 25 de Janeiro escrevi: "A priori, eu acho a procedencia do f em Kaingang, como o Snr. a explica, muito plausivel. A comprovação apenas me parece ainda insufficiente." E essa restricção eu tenho de repetir hoje novamente. Cita o Snr.:

Caing. fa-g, "ellas" = tupí pé, "vos"; o-po, "vos" (aliás, eu vos). Porém: "ellas em Kaingang não é fa-g mas fúagn (o -n em composições desaparece), isto é = fu (feminino) + agn (plural). O que tem este feminino fu do Kaingang com o pronome pe do tupí? Além de que, eu para mim acho inadmissivel formar equações com o pronome da 3.^a pessoa de uma lingua e o da 2.^a de outra. Ia-peri = "pena" do Ipurucotó (os vocabularios de B. Rodrigues devem ser tomados com muita cautela!) significa provavelmente "aza", sendo composto com apo = braço, etc., das linguas Karib; i- é prefixo, -ri é suffixo. Onde fica então a semelhança com o Kaingang fééré (que a mim soou fuére, sendo o -ë um mero éco da vogal precedente com accento tonico, como sempre acontece em Kaingang nas palavras em -r).

Em linguas indo-européas (e mesmo dentro dos dialectos da lingua alle-mã) a equação p = f é, como o Snr. salienta, extremamente frequente; em linguas sulamericanas não. Em logar della encontra-se p > p(h) > h. Isto se dá por ex. do Tupí para o Yurúna-Xipáya. Do Suyá escreve Steinen (Centralbrasiliense, p. 356): "Das alte p (dos outros Gê) haben die Suyá aufgegeben. ... An

Stelle des p begegnen wir dem p(h) oder h, zwei Lauten die im Suyá sehr ähnlich sind. Die begünstigende Ursache dieser Veränderung ist ohne Zweifel die Lippenscheibe, wenn auch andre, mit demselben Zierrath ausgestattete Stämme da p beibehalten haben". (Por exemplo os vizinhos Górotire-kayapó que usam discos labiaes, em alguns casos eguaes em tamanho aos dos Suyá, e os Botocudos de Minas cujos mais antigos vocabularios já trazem o p, quando o uso do disco labial ainda era geral). Portanto, quer-me parecer, a derivação do f do Kaingang de um p de outras linguas carece de uma comprovação com exemplos insuspeitos, tirados das linguas mais estreitamente aparentadas ao Kaingang (que são em primeiro logar as linguas Gê), mas não de qualquer outra lingua, americana ou não. Assim pelo menos eu approximaria o assumpto, si tivesse de dedicar-me a elle, o que não impede que o Snr. tenha outras vias á disposição.

Agora as investigações de Trombetti e Rivet. Infelizmente não tenho agora ao meu alcance uma unica obra de Trombetti, e como desconfio muito de mim quando cito de memoria, prefiro deixa-lo de parte.

A Rivet (e Créqui-Montfort) devemos o importante trabalho de uma classificação, ao meu vêr bem satisfactoria, das linguas da baixa Bolivia. Eu comecei a discordar delle quando elle classificou o Miránya como Tupí, o Yagua-Peba como Karib e o Tukuna como Aruak. Si nesses tres trabalhos eu já não pude mais aceitar um grande numero das equações linguisticas de Rivet, isto se deu ainda em escala muito maior nos seus dois trabalhos em que elle tende a relacionar linguas americanas com linguas austronesias. Primeiro com a familia Hoka. De todas as familias linguisticas da America do Norte esta é sem duvida a mais vagamente circumscripta. Kroeber, Sapir, etc., estenderam as relações della pela America Central a dentro. Eu não duvido que taes relações existam, e sim que ellas sejam sufficientes para o estabelecimento de uma familia linguistica Hoka em sentido tão lato. Assim como ella está, ella põe á disposição de Rivet um tão grande numero de formas divergentes da mesma palavra que uma qualquer dellas por fim sempre combina com outra qualquer da Austronesia. Si se tratasse da uma familia linguistica norteamericana nitidamente circumscripta como a Sioux, Iroquois ou Maskógi, por ex., tal desconfiança não procedería.

Exactamente o mesmo é o caso das relações entre o Txon e o que Rivet chama "l'Australien", como si isto fosse alguma unidade linguistica, e não uma multidão de linguas isoladas e pequenos grupos que entre si só tem muito pouca ou nenhuma relação de parentesco. Outra vez o grande numero de formas torna illusorias as equações. Parece-me que semelhante caçada á vocabulos parecidos só pode dar um resultado apparente. A relação entre o Kaingang e o Tupí do Úvotürocay, ou mesmo o Gê podemos ainda mais ou menos determinar por uma comparação lexical, mas para trabalhos como os que Rivet se propoz a fazer, é indispensavel que se leve em conta tambem a phonetica e grammatica. Entretanto, as comparações de Rivet são puramente lexicaes. Outra coisa: O que se sabe da composição e etymologia dessas centenas de palavras de um e outro lado que elle compara? Elle secciona as palavras por meio de traços, não por motivos etymologicos, mas porque

assim convem ás suas equações. Outra coisa que não posso aceitar é a maneira como elle compara palavras com sentido demasiadamente diferentes. Taes comparações são: "sol" com "estrella", "pau" com "fumaça", "bocca" com "nariz", etc. O Snr., provavelmente achará isto perfeitamente licito.

Estes trabalhos de Rivet são interessantes, mas um resultado seguro que possa servir de base, elles, ao meu vêr, não representam.

Rivet, para estabelecer parentescos linguisticos, tornou-se muito precipitado, como tive de experimentar comigo mesmo: Numa pequena publicação minha confrontei uma vez, por mera curiosidade, 8 palavras da lingua Matanawü com os termos correspondentes da lingua Múra, da qual naquella época eu só possuia material muito deficiente. (Mais tarde, quando tinha tomado provas dessa lingua de 5 bandos diferentes, verifiquei que malmente 4 daquellas 8 equações são validas). Pois foi o sufficiente para que Rivet igualasse o Matanawü aos outros dialectos Múra (Langues Américaines, n. 672).

A carta já ficou comprida demais, e chega de rosnar!

Sempre a sua disposição
Curt Nimuendajú

Na minha ultima carta tem um erro:
Em lingua Kaingang "fen" é juçara, e não
pinheiro, como eu escrevi!

Curitiba, 15 de abril de 1945

Muito prezado amigo Nimuendajú:

Tenho também grande satisfação em responder à sua carta em que o sr. dá mostras de muito interesse em resolver comigo problemas curiosos de Linguística.

1.º) Como o sr. parece convir, é impossível querer, em certas representações gráficas convencionais, precisar as condições psíquicas correspondentes às variações de pronúncia. Apenas pode-se verificar que certas palavras foram dotadas de grau superior de emotividade, denunciadas pela gemação. Tais são os exs. do latim: *sollus: solus, nassus: nasus, sollers: solers, vorrus: vorax, bucca: buca, Varro: Varus*, etc., e no italiano: *brutto: bruto, doppio dopo*, etc.

2.º) Não são somente os fatos psíquicos cujas condições são impossíveis de precisar. Quase todos os lingüistas concordam em que o clima também influi na evolução da linguagem, especialmente na fonética, mas o resultado é quase inútil, quando se quer precisar a questão, delimitá-la e concretizar os fatos.

3.º) As variantes de pronúncia, no indivíduo, são limitadas, por mais ilimitados que sejam os seus estados psíquicos. Há um *Spielraum*. O grande

lingüista Karl Vossler não o admite, mas, sim, diz êle, a variabilidade infinita, porque infinitas são as nossas intuições espirituais.

4.º) Assim, pois, é verdadeiro que tôdas as variantes de um vocábulo, por representarem inevitáveis matizes psíquicos, são tôdas igualmente válidas para qualquer estudo, comparativo ou não: "Un Papua prononciò davanti a Sievers la parola "caffè" in cinque modi diversi senza accorgersi della diversità: *voka, vok'a, vokha, voga, vogha*. É chiaro che, per la comparazione, noi dovremmo considerare le cinque gutturali come equivalenti" (A. Trombetti, *Elementi di Glottologia*, Bolonha, 1923, p. 319).

"Anche certe alterazioni naturali del linguaggio dovute a percezione imperfette e quindi a riproduzioni fonetiche inesatte, dipendono anch'esse dallo spirito, poichè non si riproduce esattamente se non ciò che si capisce esattamente, e affinché un fonema sia riprodotto bene occorre che riviva col suo simbolo acustico nello spirito" (G. Bertoni, *Programma di Filologia Romanza come Scienza Idealistica*, Genebra, 1923, p. 41).

5.º) Por outro lado, dadas as variantes fônicas de um mesmo vocábulo, é claro que umas são externadas necessariamente em seqüência a outras, de modo que para a comparação, não só se tem a faculdade, senão que se deve escolher aquella que mais convier, porque representa o resultado dessa seqüência. A seqüência de que se fala aqui, pode ser evolutiva (ou cronológica em sentido restrito) e substitutiva ou reversível (ou ainda paraplasmática). Assim, há seqüência evolutiva: *t > ts > s*, mas substitutiva *s: t: ts: t...* ou *t: ts: s: ts: t...* ou *t: ts: t: ts: s...*, etc. É claro que só teóricamente se têm seqüências evolutivas, absolutas, porque a prática apresenta sempre as seqüências reversíveis, visto como é êste o caráter verdadeiro das oscilações. O latim *titio*, -onis, antes de chegar ao português *tiç-ão*, andou oscilando em *titio: titsio: tísio: tsio...*, mas evolutivamente (ou cronologicamente) há *titio > titsio > tísio*, e não *tísio > titsio > titio*.

Se tenho diante de mim *p: f: ph: p: f: ph...* de um lado e de outro *p: b: b* africado: *p* africado: *b...*, posso tirar a conclusão da primitividade ou do *p* ou do *f*. Em vista da natureza destes fonemas, devo, para resolver qual deles é o primitivo, recorrer a outros métodos, e um destes é o das áreas.

Por outro lado, se eu tiver *p: b* em confronto com *f: v*, em vista da natureza destes fonemas, não posso chegar à conclusão *p > v*, nem *v > p*. Deixo de lado estas para admitir as seqüências fônicas *p > f > v* (ou *p > b > v*) e *v > f > p* (ou *v > b > p*).

6.º) As variantes fônicas de uma mesma palavra são e não são insignificantes. São insignificantes, porque muitas vezes são infinitesimais. Acaso um *t* inicial será exatamente de mesma pronúncia que um *-t* medial ou de *-t* final? E será o *t* de sílaba tônica, p. ex., *matar* o mesmo *t* de sílaba átona: *mato* ou *matador*? E será o substantivo *mato* pronunciado exatamente como o verbo "homófono" *mato*? Formará equação fônica alguém que age, dizendo *-Eu te mato-* e outro que apenas repete a frase?

Mas, também sustento que as variações ínfimas não são muitas vezes insignificantes, porém, significativas. Assim, se há numa lingua, p. ex., as variantes tidas por primitivas *ue, ui, oe...* para a idéia de "casa", e, em outra

língua oke, uki uke... com o mesmo sentido, também consideradas primitivas, é claro que, se num terceiro idioma, se verifica uhe, uhi ou u'e, u'i, eu devo prender estas às variantes com k e não às outras, em vista do -h-, ou de ' , a representar qualquer aspiração. Esta exemplificação é forjada, não resta dúvida, mas salva-se o princípio.

Entre o pl- latino (plorare) e ch- português (chorar), deve-se admitir uma cadeia mais ou menos longa de variantes fônicas, muitas das quais infinitesimais, porém indispensáveis. Citam-se algumas: plöorar > plëorar > pliorar > piorar > p(t)xorar > txorar (> chorar).

7.º) Quanto ao vocábulo isolado, repito aqui o que foi dito na minha carta anterior: "Não quero dizer que não tenha valor a coleta de palavras insuladas. O seu valor consiste justamente nisso em que a palavra isolada é um estado psíquico não completamente real, não afetivo ou emotivo, mas intelectualístico, ou, quando muito, pode ser manifestação reflexa de qualquer atividade passada".

Se eu de fato condenasse irrestritamente a colheita de vocábulos soltos, como poderia ter eu em conta o que tenho registrado? ! E valeria a comparação com uma só forma? Mas, não; vale também aquela como esta. Porém vale mais a multiplicidade de formas. Ou, então, o sr. não dá valor às variantes dialetais? Aquelas são da mesma natureza destas. No vocabulário de Martius há, p. ex., no taino, luca e yuca para a idéia de "branco". Se houvesse o registro de apenas yuca, nada se poderia fazer acerca de comparação com uma raiz *luk- ou *ruk-, mas dadas yuca e luca, a conclusão segura, inabalável, que se tira imediatamente é luca > yuca.

8.º) Voltando às comparações do kamakā, confesso que muitas das diferenças entre o Aratimbó e sua mãe Jacinta se devem à pouca prática que ele tinha dessa língua, principalmente de certos sons peculiares, inexistentes no português, o qual foi o idioma que veio a prevalecer nele. Mas não se deve excluir a diferença de sexo, nem a diferença de idade, que, de qualquer modo, influem no falar.

9.º) Eu seria muito ingênuo se negasse as deficiências de autores no apanhado de vocábulos, ou então atribuisse todas as diferenciações a influxos espirituais, porém, de outro lado, não sei se os principais defeitos desses autores, p. ex., Barbosa Rodrigues, sejam de natureza gráfica. Seria ótimo que ele houvesse usado um sistema de transcrição fonética, mas não será por esta falta que se há de censurá-lo. Eu gostaria de saber em que se precisa de muita cautela no emprêgo desses vocabulários de B. Rodrigues.

A análise ia-peri, "pena" do ipurukotó merece confirmação, como as que apresentei, o que, afinal, não desloca da comparação o kaingang féère, ou fiéré da sua coleta.

10.º) É verdade, o sr. acha plausível a transformação de p em f, apenas a comprovação do caso kaingang lhe parece insuficiente, ou, então, os exemplos devem ser insuspeitos, "tirados das línguas mais estreitamente aparentadas ao kaingang, que são, em primeiro lugar, as línguas Gê".

Torno ao caso não já para os cotejos, senão para chamar nova atenção para os exemplares que citei à p. 15 dos meus Estudos...: féno, "trocar, vender" = péno, da p. 91 (Valfloriana). E à p. 301: vender: péno, féno, e

no apêndice, p. 327. Na p. 93: fón, fódñ, "expulsar, tocar, atirar" = pón, "atirar", da p. 163. No apêndice, p. 328: fodñ, "arrebentar, atirar" = pod, fod, "jogar fora, largar", da p. 350. Acrescentarei agora os seguintes preciosos exemplos da mesma obra de Valfloriana: p. 115: kapé, "galho" = p. 23: kaféi, kaféé, "flor, ramo" (talvez por etimologia popular: p. 14 kapén, "ramo" (ka + pén). As pp. 92 e 227: fód, fón, fódñ, "atirar" = p. 163: pón, póno, idem. Estes e possivelmente outros exemplos comprovam que o fenômeno é recente, no vale do Tibagi, e, por outro lado, confirmam que os fenômenos lingüísticos não se realizam todos ao mesmo tempo, e quase sempre deixam vestígios.

Mas, segundo a classificação lingüística de Chestmir Loukotka, o kaingang não participa do grupo gê, porém do grupo de igual nome — kaingang — em que se inclui o ramo kaingang propriamente dito, com a subdivisão: 1.º) dialeto central; 2.º) dialeto kadurukré; 3.º) dialeto kamé; 4.º) dialeto do leste; 5.º) do sul; 6.º) do norte. Depois incluem-se o wayana ou guaihã, o aweikoma, e, por último, o ivitorokái e o ingain. Assim, pois, devo estabelecer confrontos, em primeiro lugar, com as línguas desse grupo. Porém, mesmo que só encontre f em vez de p, isto não destrói o que assevero, por muitas razões, donde a necessidade de estender os confrontos para outros domínios.

11.º) Com referência à minha comparação kaingang fa-g, "elas" = tupí pé, "vos", isto é, pronome de 3.ª a fazer equação semântica com pronome de 2.ª, apenas lhe direi que isso se tem realizado. Dentro do português o fato se deu: você é pronome da 3.ª pessoa, como a expressão de que proveio — vossa mercê —, no entanto, se eu tivesse de ligar você com outro pronome, só poderia fazê-lo com vós ou vos, que são da 2.ª pessoa, isto é, apresentaria vo-cê = vó-s, vo-s.

Outro exemplo, que é também de admirar, vou encontrá-lo no eslavo antigo my, "nós", a que corresponde o latim me, sânscrito me, grego moi, gótico mi-k, etc. Voltando ao português, lembrar-lhe-ei que o pronome oblíquo lhe tanto se refere à pessoa com quem se fala (portanto da 2.ª), como à pessoa de quem se fala (portanto da 3.ª pessoa), assim também os possessivos seu, sua, e os obliquos o, a.

12.º) Deixarei para a carta vindoura algumas palavras com referência a Rivet e a Trombetti, mas adiantarei que, em muitos problemas que se propõem de concordanças lingüísticas a gente deve ficar na posição de dúvida, porquanto freqüentemente posteriores investigações poderão causar surpresas.

As relações que Rivet propõe, como as que o sr. me cita ("estréla" = "sol", etc.) não são impossíveis, porque se verificaram em numerosas e variadas línguas.

Bem; termino esta com desejo de prosseguir nestas curiosidades, e sempre com a melhor boa vontade!

Abraça-o com admiração e grande simpatia,

o Mansur Guérios

Belém do Pará, 28 de Maio de 1945

Caro amigo Snr. Mansur Guérios.

Nessas ultimas semanas as minhas occupações tem mudado de uma tal forma que não pude responder promptamente a sua interessante carta de 15 de Abril. Estou me preparando para uma nova viagem aos Tukuna da região fronteira de Tabatinga onde tenciono demorar-me meio anno. Antes de ir, porém, tenho de concluir ainda outro trabalho para o Museu Nacional, de maneira que o tempo me ficou escasso em extremo. Portanto tenho de limitar-me a poucas palavras, o que eu peço que o amigo me desculpe.

A maneira como o Snr. applica a casos especiaes os seus conceitos de linguistica geral eu olho em alguns casos com certa reserva devido ao perigo que consiste na demasiada latitude resultante para comparações e parallelas. Acho os caminhos de evolução e processos de substituição das diversas familias linguisticas demasiadamente divergentes para se comprovar, por ex., a possibilidade de relação entre pronomes de segunda e terceira pessoa em linguas Tupí e Gê com exemplos de linguas indoeuropéas. Formas reverenciaes como "Vossa Mercê" e seus derivados não vêm ao caso, se não devia-se levar em conta para a comparação de pronomes também os termos com que o Japonês os substitue. O que eu sei que se dá em linguas do nosso meio indigena (linguas Tupí impuros etc.) são relações entre as tres pessoas do singular e os pronomes da primeira pessoa do plural, inclusive e exclusive, porque estes são compostos de eu + tu e eu + elle. Mas quão diferente não é isto do que o Snr. cita de linguas indoeuropéas! Outrosim: "Sol" e "estrella" podem ter relação em alguma lingua algures no mundo que desconheço. Em linguas de indios sulamericanos só me lembro agora de relações entre "sol" e "lua" (denominação identica, diferente de "estrella") ou de "lua" e "estrella".

Não acho que divergencias dialectaes sejam da mesma natureza das divergencias por motivos psychicos. Estas surgem a qualquer momento, aquelles necessitam ao que me parece, de tempo e de um meio novo. O dialecto é um producto historico ou social, e como tal o tenho em consideração. Já sei aliás que o Snr. não regeita absolutamente uma aproximação pelo lado historico aos problemas linguisticos, pelo menos em alguns casos.

Agora os vocabularios de B. Rodrigues: o Primeiro defeito delles não é culpa do autor, porque consiste no grande numero de erros typographicos que uma comparação com outros dialectos revela. O segundo é que o autor parece ter confiado demais no escrupulo dos seus interpretes. O vocabulario Crichaná elle não pode ter obtido de indios que ainda não tiveram nenhum contacto pacifico com civilizados. Já o nome "Crichaná" prova a influencia de algum interprete (Makují) do Rio Branco onde se chama assim aos indios hostis do Uraricuéra (Kirixana). Da lingua dos indios do Yauapery existem quatro vocabularios (B. Rodrigues, Payer, Hübner e J. Gondim). Os tres ultimos combinam ao ponto que podem ser attribuidos à mesma lingua; o de B.

Rodrigues diverge. Porque? — Provavelmente pelo mesmo motivo que o seu vocabulario Ipurucotó sahiu tão diferente do vocabulario Purukoto de Koch-Grünberg: Não representa a verdadeira lingua dessa tribu mas, desde da forna do nome tribal, a dos Taulipang. A culpa sem duvida foi do interprete que ou era um Taulipang que muito pouco sabia do verdadeiro Purukotó, ou um Purukotó quasi completamente assimilado aos Taulipang. Conheço aliás um bom numero de vocabularios deste typo, sendo um dos mais typicos o da lingua "Kukura" de V. Fritx, publicado por Loukotka e criticado por mim á p. 182 do tomo XXIV do Journ. Soc. Améric. Paris. — Terceiro: Em materia de ethnologia B. Rodrigues tem-se permittido taes coisas que pelo menos eu acho bom pôr de molho as suas informações. Assim por exemplo elle escreve em lettras redondas e illustra com uma estampa (Rev. da Expos. Anthropol. Brasileira. Rio. 1882) que os Mundurukú mumificam a cabeça do inimigo extrahindo-lhe os ossos e diminuindo o tamanho. Escreve elle que assistiu pessoalmente a esse processo que nem antes delle nem depois investigador nenhum viu, sendo todos unanimes em affirmar que os trophéos dos Mundurukú são preparados com o craneo e conservando o seu tamanho natural, como aliás também provam os numerosos exemplares em museus brasileiros e estrangeiros. Demais, a estampa na revista citada representa uma legitima "tantsa" dos Jívaro que são os que empregam aquelle processo descripto por B. Rodrigues. — E outros "pequenos erros" semelhantes.

Devo confessar que os exemplos da existencia simultanea de f e p no material de Valfloriana são convincentes. Apesar de Loukotka, eu me inclino a considerar o Kaingang como subgrupo da Família Gê; entretanto estou prompto a corrigir a minha opinião á vista de novos elementos. Quanto a divisão de Loukotka em seis dialectos, eu vejo nisto apenas um bonito exemplo a que ponto se pode chegar tomando "ao pé da letra" os vocabularios de diversos autores. Não existe nenhuma differença entre a falla dos Kanyerú e dos Kamé que são as "moitiés" NÃO localizadas da tribu. A mim me pareceu que existem tres formas sensivelmente distinctas do Kaingang, aliás reconhecidas também pelos proprios indios: 1) o dialecto do Norte (S. Paulo e Laranginha). 2) o dialecto central (Paraná). 3) O dialeto do Sul (Rio Grande).

Mas só quero formar uma opinião definitiva depois de vêr o resultado do estudo do Snr., feito não com vocabularios de outros, mas com material colhido directamente pelo Snr. entre os diversos grupos, e é o meu grande desejo que o Snr. realize isto quanto antes.

Sou seu amigo velho

Curt Nimuendajú

Curitiba, 1.º de outubro de 1945

Ilmo. Sr.
Curt Nimuendajú
Museu Paraense
Belém do Pará
Prezado Sr.:

O dr. Herbert Baldus, de S. Paulo, indicou-me o seu endereço e pediu-me que lhe remetesse uma separata do meu estudo sobre fonética histórica tupi-guarani — “Diferenças Fonéticas entre o Tupi e o Guarani”. É com o máximo prazer que eu satisfaço aquele pedido: estou remetendo em separado um exemplar.

Aproveito esta oportunidade para lhe solicitar uma informação a respeito do hábitat dos Op(h)ayé-Chavante, cujo vocabulário o Sr. publicou na “Rev. del Instit. de Etnología de la Univers. Nac. de Tucumán”. O rio Verde a que o Sr. se refere, pertence a que bacia?

Também desejo que o Sr. me informe se foi publicado o restante dos vocabulários de línguas aruak que o Sr. começou a publicar na mesma revista (t. II, entrega 2.ª, 1932), sob o título “Idiomas Indígenas del Brasil”, e que são os “Apontamentos linguísticos” do reconhecimento dos Rios Içana, Ayarú & Uaupés. A coleção daquela revista que conheço (pertencente à Biblioteca do Museu Paraense) é muito falha e não possui os fascículos que devem seguir-se à “entrega 2.ª”, do 2.º tomo.

Aguardando sua resposta, subscrevo-me com muita estima e consideração.

Aryon Dall'Igna Rodrigues

Aryon Dall'Igna Rodrigues
Av. Iguaçu, 339 — Curitiba
Paraná — Brasil

São Paulo de Olivença, 7 de Dezembro de 1945

Ilmo. Snr. Aryon Dall'Igna Rodrigues

Curitiba

Recebi hontem em São Paulo de Olivença a sua carta de 1.º de Outubro. Si o trabalho do Snr. estiver publicado no Boletim da Biblioteca de São Paulo, elle já se encontra em Belém, e muito lhe agradeço o presente que, entretanto, só poderei apreciar quando eu em Abril de 1946 voltar ao Pará.

O habitat dos Op(h)ayé, tanto no tempo da sua maior expansão (depois do recuo dos Kayapó Meridionais) como no anno de 1908 em que visitei a tribo pela primeira vez o Snr. pode vêr no mapa que acompanha o trabalho de Hermann von Ihering sobre os indios do Sul do Brasil, na Revista do Museu Paulista de 1910, si não me engano. Apezar do titulo que dá como autor aquelle cientista, o referido mapa é exclusivamente trabalho meu. Os limites carecem de algumas correções de pouca importancia. No mesmo mapa o Snr. encontrará tambem o Rio Verde: É um affluente da margem direita do Alto Paraná. Creio que hoje restam dos Op(h)ayé quando muito alguns individuos avulsos.

Depois da sahida de Métraux, o Instituto de Etnología de Tucuman não apareceu mais, e por conseguinte tambem não foi mais publicado o resto dos vocabularios meus, nem me devolveram os manuscritos. Não são, aliás, de línguas Aruak e sim Tukána, e mais outros avulsos (3 vocabularios de Makú, Puinave. Tupí do Rio Machado. Itogapúk, Deukwána-Makiritare, e mais alguns outros dos quais não me lembro.

Sempre ao seu dispor

Curt Nimuendajú

Curt Nimuendajú
Belém do Pará
Museu Paraense.